

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

FELIPE SMIDERLE

**CINE ÓPERA: O IMPACTO DO SUCATEAMENTO E POSTERIOR
PERDA EM 1994.**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**CAXIAS DO SUL
2019**

FELIPE SMIDERLE

**CINE ÓPERA: O IMPACTO DO SUCATEAMENTO E POSTERIOR
PERDA DO CINE ÓPERA, EM 1994.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História, da Área do Conhecimento de Humanidades, da Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luiza Horn Iotti

CAXIAS DO SUL

2019

RESUMO

SMIDERLE, Felipe. **Cine Ópera**: O impacto do sucateamento e posterior perda do Cine Ópera em 1994. 2019. 78 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História - Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2019.

Este trabalho visa contribuir para a formulação de uma visão mais ampla sobre o período histórico em que se deu a perda do Cine Teatro Ópera, remontando a parcelas sociais de estratificação baixa no período, devido à falta de visibilidade dada a estas pela historiografia oficial. Aludindo assim, a metodologia da história oral para a formulação deste, devido a sua proposta de reunir as mais variadas visões sobre o período através da rememoração individual, além de servir como aporte para futuras pesquisas.

Palavras-chave: História Oral. Cine Ópera. Rememoração.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 CINE ÓPERA E SUA TRAJETÓRIA.....	12
2.1 DO CINE APOLLO AO CINE ÓPERA.....	14
3 RECORDAR É VIVER.....	19
3.1 PRODUÇÃO DAS ENTREVISTAS	21
3.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
APÊNDICE A - Ficha de Catalogação	30
APÊNDICE B - Roteiro das Entrevistas	31
APÊNDICE C - Carta de Cessão	32
ANEXOS	33

1 INTRODUÇÃO

O patrimônio cultural brasileiro sofreu mais um atentado com o incêndio do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, em dois de setembro de dois mil e dezoito, em uma demonstração do sucateamento e da falta de recursos para a preservação do patrimônio nacional. Sendo o conceito de patrimônio apresentado no artigo duzentos e dezesseis da Constituição Federal de 1988 como:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.(CONSTITUIÇÃO, 1988)

Com esta infração podemos remontar ao objeto de pesquisa, que também foi afligido por um incêndio no ano de 1994, período que ainda era debatido seu possível tombamento.

Termo este apontado pelo Dicionário Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional de Patrimônio Cultural por Sonia Rabello (2015) como um modelo técnico-jurídico, que por sua permanência no ordenamento jurídico desde a constituição de 1937 ganha força e se mostra sucinto e eficaz, traz em seu alicerce a imposição da “preservação de bens materiais, públicos ou privados, aos quais se atribui valor cultural para a comunidade na qual estão inseridos”, Rabello (2015, p. 2 e 3), o termo é factível nos artigos número duzentos e quinze e duzentos e dezesseis da Constituição Federal. O objeto desta pesquisa foi alvo de mobilizações sociais incentivadas por setores como a Universidade de Caxias do Sul, entre outros, que buscavam resguardar este patrimônio, assim como trazer este debate a outros setores da sociedade, como apontado por Caon em sua tese de mestrado:

A mobilização foi intensa de maneira que ocorreram diversas manifestações e de debates a favor da preservação tendo como ato máximo simbólico o “Abraço ao Ópera”. Esse ato paralisou o centro da cidade, chamando a atenção do restante da população (CAON, 2010, p.120).

Este trabalho visa reconstruir através da rememoração e análise das memórias individuais que permeiam o fechamento e desenlace do Ópera (nome dado à casa de espetáculos pelos moradores de Caxias do Sul) de 1993 com seu

fechamento e até janeiro de 1995 após o sinistro, se utilizando da produção e catalogação de entrevistas orais para uma identificação do sentimento de pertencimento que certas camadas de estratificação social não representativas, da cidade de Caxias do Sul detinham com o patrimônio imóvel e o cultural, pois como apontado por Caon:

Nos bens patrimoniais, está representada uma rede de relações sociais com os sentidos a eles atribuídos criando um lugar de pertencimento e de onde as eminências nos grupos tornam-se as novas formas de resistência diante da velocidade contemporânea, de suas transformações e da insegurança em relação ao futuro (CAON, 2010, p.15)

A fim de reconstituir uma identidade histórica que o Cine Ópera carregava, se utilizara a micro-história individual e como aporte da construção de um projeto de história oral, pois como apontado por Marieta de Moraes Ferreira com ela:

Revalorizou-se a análise qualitativa e resgatou-se a importância das experiências individuais, ou seja, deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares. Paralelamente, ganhou novo impulso a história cultural, ocorreu um renascimento do estudo do político e incorporou-se à história o estudo do contemporâneo (FERREIRA, 2002, p. 319)

Sendo que esta reconstituição está ligada diretamente às parcelas sociais que a história oral originalmente se propôs a valorizar, pois como externado por Gunter Axt em seu “Manual Procedimento Padrão para Desenvolvimento do Programa de História Oral”, esta se origina como uma estratégia para dar voz a parcelas sociais com baixo índice na participação da memória coletiva, e que muitas vezes nos apontam para costumes, vivências, afetos e sentimentos que não se permeiam normalmente nos livros ou relatos históricos.

Mesmo que algumas das publicações que giram em torno do assunto como o livro “Cinemas: lembranças” das autoras Kenia Maria Menegotto Pozenato e Loraine Slomp Giron, ou a tese de Pós-graduação em história de Marcelo Caon, “Memória e Cidade: O Processo de Preservação do Patrimônio Histórico Edificado em Caxias do Sul 1974-1994”, não nos traz uma perspectiva social individual, mas sim análises de entrevistas em contraste direto com os documentos históricos presentes, ainda mais que nenhum trabalho sobre o fim terminal da casa de espetáculos e suas influências sobre a população que o circundava, sendo que Caon (2010, p. 37), em sua tese prontifica que “O panorama que a memória pessoal

apresenta a cada um sobre sua vida é completamente diferente da memória histórica que apresenta o passado de forma resumida, esquemática, [...]”.

Estas memórias, além de servirem para a reconstituição de um passado não tão distante, ainda detêm o valor de poder conceber novas fontes de pesquisa para o futuro. Sendo através da metodologia da história oral, que possui em uma de suas preconizações, a produção de fontes atreladas ao tema específico desta pesquisa, tem em seu íterim as transcrições das entrevistas tomadas, além de os roteiros gerais e específicos utilizados para a produção deste trabalho.

Formando assim, novo aporte para futuras pesquisas como explicitado por Axt na página cinco, de seu “Manual de Procedimento Padrão para Desenvolvimento de Programa de História Oral” “[...] é um instrumento de captação de acervo documental e imagético para o arquivo do projeto de memória institucional, o que é fundamental para embasar pesquisas futuras e consolidar o setor.”

Conseqüentemente a rememoração do fim da casa de espetáculos Cine Ópera, em vinte e três de dezembro do ano de 1994, às duas horas da madrugada, e a sua coleta, arquivamento e análise vem ao encontro de diversos debates dentro do campo de preservação cultural e edificada, servindo este trabalho com o pressuposto de apresentar como as desditas desses símbolos influenciam no cotidiano de parcelas sociais.

Estas que na maioria das vezes assistem aos processos que envolvem estes bens, mas não participam de nenhuma forma com representação influente, como criar ou acompanhar movimentos que debatam sobre, sendo que são nestas parcelas sociais que encontramos visões ímpares e muitas vezes deslocadas da historiografia original que a complementam ou trazem novas perguntas a serem feitas sobre o período.

Anteriormente às entrevistas será realizado uma revisão bibliográfica através de materiais tais como o livro “Cinemas e Lembranças”, de Kenia Maria Menegotto Pozenato e Loraine Slomp Giron, a dissertação de mestrado “Memória e cidade: o processo de preservação do patrimônio em Caxias do Sul 1974-1994” de Marcelo Caon. E um levante de fontes através dos jornais Pioneiro, Correio Riograndense e uma produção de movimentos apoiadores do tombamento da edificação chamada “Imagens da Cidade” que como apontado por Caon:

Este trabalho fazia parte da pesquisa “Imagens da cidade-resgate da produção cinematográfica de Caxias do Sul do início do século até 1980”, que tinha por objetivo levantar todas as imagens produzidas em “Super”

oito, dezesseis e trinta e cinco milímetros, transcrevê-las para a linguagem de vídeo e elaborar um programa síntese traçando um perfil da cidade. Promovido pela Universidade de Caxias do Sul, o projeto foi executado pelos professores Juventino Dal Bó, Luiza Horn Iotti, do Departamento de História e Geografia e Maurício Moraes do Departamento de Comunicação, pertencentes ao Centro de Ciências Humanas e Artes, (CAON, 2010, p. 119).

Embora com a urgência de dinâmicas que exercessem alguma forma de pressão popular em vista da tomada de um posicionamento político da gestão do período, o movimento “Imagens da Cidade” se propôs a produzir um material a ser entregue na última sessão do cinema, assim como em várias outras instituições, com o propósito de fomentar o debate em torno do patrimônio histórico se utilizando daquele momento para essa que ainda se faz necessária.

O contato inicial com os indivíduos que se pretende realizar a entrevista será dado por telefonemas e outros meios digitais, para um primeiro contato com caráter oficial, será requisitado um encontro para tomada de depoimento inicial e preparação para posterior entrevista gravada.

Esta coleta de depoimentos já servirá para apresentar a temática da pesquisa para os entrevistados, explicitar a carta de cessão, pedir a documentação necessária para a produção da ficha de catalogação e explicitar a importância dos relatos gravados.

A parcela social que se situa no âmago desta pesquisa é a de estratificação social baixa, sendo esta uma das que a história oral busca dar voz por se tratar de personagens sociais com lacônicas participações na construção das memórias coletivas como precisado por Axt (p. 03). Também se buscará indivíduos com idade aproximada entre os quarenta e cinco anos aos setenta anos, devido tanto a uma memória com o cinema ainda em funcionamento, como pela disposição do exercício de rememoração a qual o trabalho com esta metodologia necessita. Todos os entrevistados são residentes da cidade de Caxias do Sul, sendo que portam vivências ligadas diretamente ao objeto de pesquisa, dando-se como frequentadores do cinema ou do entorno social existente, ora como consumidor.

Após a coleta do depoimento inicial, e todos os preparativos apresentados aos indivíduos, será produzido roteiro individual para cada entrevistado. Sendo esta uma produção análoga entre o roteiro geral e o depoimento inicial, formando assim uma orientação mais específica, contendo os dados biográficos de cada entrevistado, parafraseando Alberti (2004), sendo possível ainda mudanças no

roteiro geral ou individual a partir do início das entrevistas de acordo com as novas informações possíveis que forem sendo evidenciadas.

O roteiro geral será traçado promovendo uma sistematização das fontes adquiridas sobre o objeto de estudo promovendo uma articulação com as questões propulsoras desta pesquisa, constando este em anexo a sua utilização será díade, pois como apontado por Alberti (2004, p. 83), este “promove a síntese das questões levantadas durante a pesquisa em fontes primárias e secundárias e constitui instrumento fundamental para orientar as atividades subsequentes, especialmente a elaboração dos roteiros individuais.”

As entrevistas serão tomadas em ambiente controlado, pois com apresentado no manual de Alberti, estas devem ser momentos de introspecção entre entrevistado e entrevistador pois interrupções, barulhos ou qualquer outra coisa que possa dispersar qualquer um dos indivíduos, pode assim trazer falas desconexas com assunto anterior ou até a perda de uma linha específica de raciocínio que se tinha estabelecido, mas com a possibilidade de tais acontecimentos, estes serão registrados no momento da transcrição e nos roteiros individuais caso ocorram.

Estas terão duração média de uma hora e trinta minutos, sendo o aconselhável por Alberti no caso de uma entrevista temática, devido a possível exaustão tanto do pesquisador como do depoente, além do possível esgotamento do assunto abordado pelo entrevistado, devido à utilização do recobrimento de memórias muitas vezes entorpecida pela passagem temporal.

A escolha da abordagem com entrevista temática se dá pelo pressuposto de que o tema desta pesquisa é um recorte temporal sobre a história que circunda afim desta edificação, que pode ser percebida como um patrimônio imaterial, conceito este apresentado pelo dicionário de verbetes e artigos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)¹, o definindo como para “designar as referências simbólicas dos processos e dinâmicas socioculturais de invenção, transmissão e prática contínua de tradições fundamentais para as identidades de grupos, segmentos sociais, comunidades, povos e nações”, e como o fim dessa edificação é vivenciada pela população geral e que essa ainda se identifica com o patrimônio, mesmo com sua mudança cabal entre um espaço cultural para se transformar em um estacionamento, que como única lembrança ao antigo espaço manteve uma parcela do antigo nome.

As análises das entrevistas serão qualitativas sendo esmiuçadas as vivências presentes no momento em que se deu o fim peremptório do Cine Ópera, quais foram os sentimentos predominantes neste e qual foi a experiência social que se experimentou com o fim de um dos mais antigos, centro cultural. Presente na cidade desde o ano de 1921 com o nome de Cine Teatro Apollo, que mesmo sendo destruído também por incêndio em 1927, foi reconstruída em 1950 com prenome de Cine Teatro Ópera, com alcunha de Ópera pelos frequentadores.

Esta análise está diretamente ligada à história do tempo presente que segundo Ferreira:

O tempo presente é o período durante o qual se produzem eventos que pressionam o historiador a revisar a significação que ele dá ao passado, a rever as perspectivas, a redefinir as periodizações, isto é, a olhar, em função do resultado de hoje, para um passado que somente sob essa luz adquire significação (FERREIRA. 2002, p.9).

Ainda mais, quando as fontes ainda estão presentes nos dias atuais, tornando assim possível a captação de fontes sobre o recorte temporal um trabalho, não obstante com a formulação desta pesquisa, mas sim uma análise e cooptação que pode ser tanto subsistido ou reutilizado dentro de outros trabalhos, como nos diz Ferreira ao citar Eric Hobsbawn:

A despeito de todos os problemas estruturais da história do tempo presente, é necessário fazê-la. Não há escolha. É necessário realizar as pesquisas com os mesmos cuidados, com os mesmos critérios que para os outros tempos, ainda que seja para salvar do esquecimento, e talvez da destruição, as fontes que serão indispensáveis aos historiadores do terceiro milênio (HOBSBAWN, 1998 apud FERREIRA, 2002, p. 10)

Sendo apontado como um dos principais pontos de intersecção entre memória e história a concepção de um arquivo (uma pesquisa) de história oral, pois é nos relatos individuais que se permeiam a micro-história, que mesmo carregadas de subjetividade e diversas interpretações, sendo que assim podemos conceber uma análise historiográfica que sustente, para além da historiografia oficial, uma historiografia possuinte das vivências sociais que envolvem o objeto de estudo.

2 CINE ÓPERA E SUA TRAJETÓRIA

O cinema Ópera, nascido da revitalização do Cine Theatro Apollo, traz em sua trajetória momentos marcantes para a cidade de Caxias do Sul, tanto por suas grandes apresentações, sua acústica elogiada por diversos artistas ou suas sessões de cinema que providenciaram local para o desenvolver de diversas relações afetivas.

Um espaço marcado por lembranças e culturas, onde a cidade ouvia as últimas notícias do mundo moderno no período dos anos 50 e onde muitos sonharam em protagonizar os mocinhos de filmes de faroeste. Espaço que abrigava além da representação da arte, uma parcela de memória de todos que puderam presenciar seus espetáculos e filmes.

Um edifício que carregava memórias individuais, interpretado de diferentes maneiras por diferentes grupos, sendo que como enunciado por Paulo Cesar Tomaz em seu artigo, “A Preservação do Patrimônio Cultural e sua Trajetória no Brasil” de 2010, faz deste, um patrimônio cultural, pois carrega uma gama de sentimentos e vivências que se perpetuam na memória coletiva de grupos sociais.

A noção de patrimônio está ligada ao histórico, artístico e cultural, como observado por Tomaz (2010, p. 03) este conceito está ligado a “evocar dimensões múltiplas da cultura como imagens de um passado vivo”, embora possamos observar que ele é visto pela maior parcela social como algo estático, como objetos em um museu que só se fazem presentes para uma memória coletiva de alguns grupos, normalmente as elites dominantes.

O conceito de patrimônio se advém da aurora da Revolução Industrial, no final do século XVIII, no bojo da Revolução Francesa onde a busca por uma identidade nacional era necessária, a conservação de monumentos, documentos, obras de arte, obras religiosas, obras militares, enfim qualquer produção elitista que fosse capaz de assegurar uma unidade política e de identidade nacional necessária nesta nova formulação política, jurídica, social e econômica fosse observada, como apontado por TORELLY (2012, p. 03).

O Brasil inicia sua fase de industrialização e crescimento demográfico das urbes a partir dos anos 20, sendo com a Semana de Arte Moderna de 22 à abertura dos padrões nacionais, como um movimento contraditório, explicado por TORELLY (2012, p. 04), por ao mesmo tempo, “ser crítico das instituições e

pregando a ruptura com o passado acadêmico, mas identificado com ideias liberais e conservadoras” adotada uma nova miscelânea para a identificação nacional, onde o modelo europeu dá espaço às múltiplas faces presentes no Brasil.

Com estas iniciativas foi despertado para a necessidade de uma instituição de nível federal que discorresse sobre a preservação do patrimônio. O projeto idealizado por Mário de Andrade, por encomenda do Ministério da Educação e Saúde, com o ministro Gustavo Capanema, foi criado o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) outorgado e incentivador do Decreto-Lei nº 25, de 1937 que estabelece o conceito de patrimônio cultural e cria o instrumento do tombamento.

Projeto que ainda hoje se mantém contemporâneo por conter conceitos como o de arte popular e ameríndia bastante abrangentes assim como o de paisagem cultural.

Embora com o decorrer do tempo após 1937 o tombamento se viu como única estância de proteção ao patrimônio, com isso as culturas preservadas foram principalmente as das elites, enunciado por Fonseca (2003, p. 57), “a condição de patrimônio cultural da nação é atribuída, pelo órgão federal encarregado, apenas ao conjunto urbano edificado, além de alguns imóveis isolados” a autora nos apresenta uma exemplificação de culturas que providenciam identidade a determinado grupo, sendo estas sem nenhuma forma de preservação vigente.

Mesmo o período de 1937 a 1967, em que Rodrigo Mello Franco de Andrade dirigiu a instituição, sendo considerado de “fase heroica”, Tomaz (2010, p. 06), ainda a preservação cultural era dirigida às elites, com a preservação “pedra e cal” onde o tombamento era a única forma desse resguardo, sendo perdurada esta situação até meados dos anos 1990.

Com profundas transformações conceituais e de organização política o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional, passa dos anos 1970 em diante a retomar o projeto inicial de Mário de Andrade, sendo que a preservação do patrimônio cultural se torna mais abrangente, sendo os conceitos de arte ameríndia e popular retomados, assim como o do saber e fazer popular.

Devido à instabilidade política presente no período da ditadura militar, foi com a Assembleia Nacional Constituinte de 1988, que novamente se foi atentado para as questões de salvaguarda dos diversos tipos de patrimônio e das diferentes formas que devem ser preservados. Com os artigos duzentos e quinze e duzentos e

dezesseis o conceito de patrimônio cultural imaterial foi reconhecido, foi estabelecido o conceito de representatividade, explicitar proteção às manifestações populares indígenas e afro brasileiras e estabelece judicialmente instrumentos de proteção e salvaguarda, que já estavam em uso, como o inventário, o tombamento e desapropriação, e novos, como o registro como expresso por Tomaz (2010, p. 10).

Em seu trabalho “Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural” de Maria Cecília Londres Fonseca, é apresentado que a proteção e salvaguarda, que mesmo se ampliando desde 1937, ainda deixava de lado bens culturais que identificavam a nação em sua mais variada multiface, pois com a publicação do Decreto 3.3551 de 2000 que se atentou para novas formas de cultura, que não podem ser estatizadas, pois sua identificação fica à mercê de suas transformações de acordo com a sociedade que está inserida.

Como exemplo, podemos elencar as diversas pinturas corporais indígenas que não podem ser salvaguardadas pelo tombamento, pelo registro ou pelo inventário com o perigo dessas se tornarem “repertório de bens, ou coisas”, Fonseca (2003, p. 63), sendo que a maneira de se preservar esse patrimônio é a de se incentivar a continuidade deles e o papel do estado e dos pesquisadores é a de se reformular constantemente para que não percamos essas culturas pelo tempo, pelo desuso, pela falta de incentivo a sua manutenção ou até pela falta de interesse da sociedade em as resguardar.

2.1 DO CINE APLO AO CINE ÓPERA

Primeiro de janeiro de 1921: Inauguração Cine Theatro Apollo, capacidade para mil e oitocentas pessoas, pertencente à firma Frederico Bergmann & Cia, construído pela empresa Antônio Spinatto & Irmãos, edificação em madeira com alicerces em alvenaria e cobertura de zinco. Filmes e apresentações do período: O romance de um jovem pobre, com Pina Menichelli e Gustavo Schini, Os conquistadores do oeste, Aranha branca e Tarzan, opereta Dom Pasticcio.

Vinte e oito de maio de 1927: Incêndio ceifa a edificação do Cine Theatro Apollo, às onze horas e trinta minutos do período da manhã, assim como outras edificações.

Sete de abril de 1928: Inauguração reconstruída instalações do Cine Theatro Apollo, quatrocentos e vinte e sete lugares em camarote, construído por Silvio Toigo,

sendo proprietária a empresa Cia. Braghirolli Ltda, fachada em alvenaria, três pavimentos, total de mil e duzentos lugares disponíveis. Filmes do período: Fogo sobre a Inglaterra.

1950 – 1951: Reforma realizada no Cine Theatro Apollo, o revitalizando após vinte e dois anos de deterioração do edifício assim como atraso tecnológico em relação à projeção audiovisual necessária para acompanhar os outros cinemas da cidade assim como os desenvolvimentos do setor.

1951: Reinauguração do antigo espaço com nova alcunha, Cine Teatro Ópera, se fez uma reforma no espaço já existente, acrescentando alguns espaços para os atores e bandas, assim como novos espaços para almoxarife de materiais em desuso. Apresentações do período: Show revista de Mario Mascarenas, espetáculo de teatro Clarins em Rebolado.

Dezenove de janeiro de 1975: Os cinemas da região vão perdendo espectadores para a televisão, que além de oferecer uma programação de qualidade aperfeiçoa a técnica televisiva. Nesta data ainda são realizados espetáculos dos mais variados no espaço do Cine Ópera, pois este ainda é uma casa de espetáculos referência, sendo utilizado, por exemplo, para apresentações de balé da escola de Dona Fabião. Apresentações do período: ópera Cavalleria Rusticana e Barbeiro de Sevilha.

Doze, treze e quatorze de abril de 1984: Foi encenada a ópera Cavalleria Rusticana, de Pietro Mascagni, espetáculo financiado pela prefeitura de Caxias do Sul, através da primeira dama, Arilde Trez, contando com a Orquestra Sinfônica de Caxias do Sul e apresentada por artistas locais. Os cinemas no período vão deixando de comportar os espetáculos das escolas, pois os teatros dos clubes vão ganhando estes espaços, quando as escolas não possuem auditório.

Vinte e quatro de dezembro de 1985: Prédio do Cine Ópera é decretado pelo então prefeito Victório Trez um espaço de utilidade pública, através do Decreto nº 5.561, sendo que este podia abrigar mil e oitocentas pessoas além de este deter uma acústica elogiada por diversos atores e cantores que ali se apresentaram.

Três de setembro de 1991: Alunos da instituição Universidade de Caxias do Sul (UCS) organizam ato em prol da campanha de preservação do edifício, onde se reúnem mais de duas mil pessoas para dar um abraço ao Cine Ópera.

Quatro de setembro de 1991: Realiza-se apresentação em comemoração aos vinte e cinco anos da instituição da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e os

noventa anos da fundação da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços (CIC), com o Barbeiro de Sevilha, de Giaocchino Rossini, o qual serviria para reforçar a campanha de conservação deste.

Quatro de janeiro de 1993: Realizava-se a última sessão do cinema com o filme: Drácula de Bram Stoker, dirigido por Francis Ford Coppola.

Cinco de janeiro de 1993: O gerente Alexandre Martins informa o fechamento do cinema para reformas. Logo após o antigo edifício se vê cercado por tapumes, conseqüentemente este foi invadido por indivíduos sem teto iniciando assim sua decrepitude.

Vinte e três de outubro de 1994: Juíza da 1º Vara Cível, Maria Oliver, expede liminar não autorizando a destruição do Cine Ópera pelo Município.

Dezesseis de dezembro de 1994: Carla Messias, advogada representante de Gisle Muratore, proprietária da edificação, obtém liminar no Tribunal de Justiça que dispõe novamente o imóvel à proprietária. No mesmo dia é requisitado o alvará de demolição deste juntamente a Prefeitura de Caxias do Sul.

Vinte e quatro de dezembro de 1994: Às quatro horas e quarenta minutos da madrugada foi dada a chegada do corpo de bombeiros na localidade que ocorreu o sinistro, com quatorze bombeiros e quatro viaturas necessárias para o extinguir, após as dez horas da manhã foi possível avistar o interior do prédio com as chamas já contidas. Somente dois bombeiros que sofreram escoriações foram vítimas do ocorrido, prejuízos materiais se somaram entre construções atingidas por escombros, assim como carros em uma garagem adjacente. O risco de desmoronamento se fez presente em uma rua lateral devido à exposição da parede de tijolos à alta temperatura e depois ao rápido resfriamento. Nos jornais do período temos comentários de transeuntes e moradores próximos apontando tanto o incêndio como criminoso, como também a desolação devido à perda repentina.

Vinte e seis de dezembro de 1994: Instituto de Criminalística de Porto Alegre começa a investigação das causas do incêndio, sendo a energização do edifício e a ocupação deste por indivíduos irregulares apontado como causa provável do incêndio. Empresa prestadora de serviços referentes à energia elétrica descarta a possibilidade de o edifício ainda estar energizado no dia da catástrofe. Moradores ingressam com ação de perdas contra a proprietária e o município devido a prejuízos causados pelo ocorrido. O cordão de isolamento colocado nas ruas Doutor Montauray e Pinheiro Machado trazem transtornos para os usuários das linhas de

ônibus local, sendo que ou não se respeita o cordão ficando à mercê de um possível desmoronamento ou se encarra o perigo de atropelamento.

Vinte e sete de dezembro de 1994: Liminar concedida pelo Tribunal de Justiça do Estado dando direito à proprietária Gilse Muratore e filhas o usufruto de espaço, sendo aguardado o aval do então prefeito Mário Vanin para a demolição do restante da estrutura. O prefeito coloca que ainda aguarda os técnicos do Instituto de Criminalística que eram aguardados para a parte da tarde do dia vinte e seis, mas não compareceram.

Vinte e oito de dezembro de 1994: Após aval do perito Sérgio Peccine do Instituto de Criminalística e da fotógrafa Kátia Portella, a Secretaria de Desenvolvimento Urbano já tem data para expedição do alvará de demolição, sendo este concedido para o início de janeiro do ano de 1995, e o laudo técnico do mesmo tem data de entrega para o início de março do mesmo ano. A perícia constatou a presença de garrafas de bebida alcoólica no interior do imóvel, comprovando assim a presença de indivíduos em seu interior antes de se iniciar o sinistro. As paradas de ônibus que ficavam em ruas adjacentes ao edifício foram transferidas para a rua Visconde de Pelotas, defronte à Escola Estadual Presidente Vargas, devido ao risco de desabamento das paredes.

Vinte e nove de dezembro de 1994: Demolição do Cine Ópera é liberada pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano, sendo liberado alvará para tal. O então prefeito Mário Vanin faz duas requisições à proprietária do imóvel, sendo a primeira que todo o material retirado na demolição seja entregue à Secretaria da Habitação e Ação Social para auxiliar na construção de casas populares e que a futura construção conserve a icônica fachada. Promotor da Defesa Comunitária, Julio César Costa da Silveira, responsável pelo processo contra o município e as Muratore pela preservação do edifício, solicita laudo técnico do estado das paredes remanescentes ao Corpo de Bombeiros, visando uma base para novas diligências do Ministério Público. Apontado em jornais da época a falta cultural e de identificação que a cidade já vinha sendo assolada, agora ainda mais evidenciada pela destruição de um marco no centro da cidade.

Trinta e um de dezembro de 1994: Engenheiro contratado pela família Muratore, Romeu Oliva Granzotto, responsável pelo prédio do Cine Ópera diz que pedido do prefeito de conservar a fachada não poderá ser atendido pelo fato de a estrutura estar comprometida e pela falta de arquitetura apontada pelo engenheiro.

O outro pedido do prefeito será atendido sendo entregue montante de materiais de construção resgatados para a confecção de habitações populares. O início do desmanche está previsto para a segunda semana de janeiro de 1995.

No ano de 2019 já não podem mais ser encontrados os inquéritos instaurados no período, foi encaminhado para o segundo Distrito Policial, mas este não possui registros anteriores a 1999, deixando assim o caso sem solução, permitindo permear na sociedade a dúvida sobre um incêndio criminoso.

3 RECORDAR É VIVER

Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. Não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não (MATOS; SENNA, p. 96, 2011)

Com essa citação das autoras Júlia Silveira Matos e Adriana Kivanski de Senna, apresentando a memória como uma construção individual permutada nos meios sociais, sendo que estes podem incidir na forma como lembramos o passado, buscando nele significações que se fazem notórias no tempo presente, formando assim não uma memória total sobre o momento que se busca, mas sim uma construção que se baseia na subjetividade do ser que a rememora.

O indivíduo em sua rememoração traz à tona, quando impelido a dialogar com o outro, uma série de vivências e sentires que são perceptíveis em um nível muito maior do que a uma historicidade baseada na fonte escrita. Sendo que estas duas formas de memória à escrita e à narrativa oral não se tornam excludentes entre si, mas sim complementares em sua busca por uma historicidade mais abrangente.

A utilização da narrativa como procedimento de coleta de fontes em nível metodológico busca registrar impressões e vivências de forma a complementar uma visão sobre historicidades ainda possíveis de serem abordadas pela possibilidade de se situarem no tempo presente, como apontado por Matos e Senna (2011, p. 97).

A história oral ganha espaço privilegiado na história do tempo presente, pois as narrativas são apresentadas de forma que se complemente uma historicidade preexistente e se torne possível escutar camadas sociais que muitas vezes foram despercebidas, tornando assim o registro sobre o período mais rico em fontes, interpretações e possibilidades para futuras pesquisas como apontado por Verena Alberti em seu Manual de História Oral:

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, p. 4, 1989)

A partir das premissas apresentadas, a construção de uma pesquisa sobre um tema com uma temporalidade próxima, a presença de fontes vivas e a necessidade da produção dessas, ainda que remonte a um debate em torno da preservação patrimonial, se nota a falta da visão de uma parcela social desatendida, que com a metodologia da história oral pode vir a acrescer a historicidade já existente sobre o período, mesmo que suas memórias individuais se distanciem da coletiva, pois a singularidade encontrada com o narrador pode vir a abrir caminhos diversos à historicidade.

A escolha dos entrevistados será dada através do contato inicial, sendo preparado já neste estágio uma ficha de catalogação das entrevistas, um início de diálogo sobre o período histórico que se busca analisar, será apresentado a carta de cessão e será apresentada a necessidade e o anseio pela tomada do depoimento do indivíduo, exemplo de ficha de contato inicial no Apêndice A.

Após o contato inicial e tomada de depoimento, será acordado data para tomada de entrevista.

Com as fichas de contato inicial preenchidas será possível produzir os roteiros individuais, traçando um paralelo entre o roteiro geral, apresentado no Apêndice B, e todas as singularidades encontradas nesse primeiro contato, apresentados nos cadernos de campo anexados as entrevistas.

O roteiro geral foi traçado através da pesquisa sobre o objeto de estudo e os objetivos desta pesquisa, servindo como meio para a formulação das perguntas para a entrevista, sem funcionar como um esquema rígido, pois as entrevistas podem apresentar surpresas podendo suscitar perguntas e indagações não programadas como elucidado por Gunter Axt (2010, p. 08).

Com a preparação dos roteiros individuais e a data da entrevista agendada com o depoente será preparada a entrevista, sendo esta preferencialmente executada em ambiente controlado para evitar barulhos e interrupções, se ocorrido será registrado em caderno de campo para posterior transcrição, o pesquisador contará com cronologia do objeto de estudo assim como outros materiais de apoio como recortes de jornais do período e cartazes do projeto “Imagens da Cidade” para consulta de apoio caso haja a necessidade do entrevistado.

Todas as entrevistas gravadas serão transcritas posteriormente, assim como afixadas em anexo nesta pesquisa, a duplicação será de forma a conservar o máximo possível da linguagem utilizada pelo entrevistado, sendo explicitado entre

parênteses quaisquer cousas que se apresente, por exemplo: momentos de tartamudez, interrupção ou um momento de perda de foco uma vez que todas as conturbações podem deter significado para esta ou pesquisas futuras.

3.1 PRODUÇÃO DAS ENTREVISTAS

Após o contato inicial foi produzido em comunhão com a ficha de catalogação um caderno de campo, onde foi redigida toda e qualquer observação feita pelo pesquisador, pois como apontado por Alberti (2004, p. 88) “As informações que o entrevistado fornece no primeiro contato com os pesquisadores também constituem, portanto, dados para a elaboração do roteiro individual.”. Sendo também possível de serem analisados para pesquisas futuras estando estes em anexo em conjunto com as entrevistas.

O contato inicial foi consolidado por intermédio de conhecidos entre o entrevistador e os entrevistados, sendo essas terceiras pessoas com relações variadas com o entrevistado, podendo ser amigos ou com relações parentais. A relação entre os entrevistados e o pesquisador foi estabelecida doravante um primeiro encontro, ou o contato inicial, sendo previstos indivíduos que não tivessem uma relação anterior com o pesquisador pois:

[...] porquanto o próprio diálogo e as avaliações recíprocas entre entrevistado e entrevistador situar-se-ão sobre bases diferentes do que se não houvesse algum tipo de relação anterior (ALBERTI, p. 4, 1989)

No momento do contato inicial se apresentou o cunho da pesquisa, sendo explicitado o método empregado na história oral, foi apresentada a carta de cessão, foram coletados os documentos necessários para a catalogação da entrevista, se realizou a elucidação dos direitos sobre o uso da gravação, onde este pode embargar uma parte ou a totalidade da entrevista, ou que o gravador fosse desligado em qualquer momento e também ocasião de demonstrar como o depoimento é de grande relevância e importância para a pesquisa.

Formando assim uma boa relação entre entrevistado e o pesquisador sendo este primeiro contato o momento onde se fará a primeira avaliação recíproca entre os dois indivíduos, parafraseando Verena Alberti (1989, p. 86)

Este primeiro momento também será utilizado para acrescentar a bibliografia do entrevistado, constando na ficha de catalogação um roteiro com perguntas para fomentar um debate sobre o objeto da pesquisa, com as respostas anexadas em conjunto, também foi apresentado recortes de jornais, imagens do antigo edifício e documentos criados a partir dos movimentos do período, quando referidos pelos entrevistados, para auxiliar na rememoração como também para fomentar a vontade de prestar a entrevista.

O roteiro individual foi produzido tendo em vista a cronologia do objeto de estudo constando no capítulo 2.1 com a alcunha, DO CINE APOLLO AO CINE ÓPERA, interligado com a biografia individual e ao roteiro geral, sendo previsto um roteiro individual para cada entrevista. Este roteiro não foi apresentado aos entrevistados, pois como aclarado por Gunter Axt:

Não é recomendável dar ciência previa do roteiro ao depoente, pois se trata de um instrumento interno de trabalho dos coletores. Quando os depoentes pedem acesso ao roteiro, recomenda-se resistir gentilmente a esta demanda, pois o roteiro tende estruturar uma narrativa para o depoimento, podendo comprometer a espontaneidade desejada. (Axt, p. 8, 2010)

Os roteiros individuais servem como uma base a todas as entrevistas, tendo em seu cerne o objetivo da pesquisa, e mesmo apresentando discrepâncias entre eles devido à retroalimentação constante exigida pela metodologia da história oral, sendo as mudanças feitas, devido as individualidades apresentadas no contato inicial, registradas nos cadernos de campo.

As entrevistas foram coletadas em ambiente controlado, sempre visando o conforto do entrevistador e do entrevistado, assim como um lugar onde o depoente não se sentisse intimidado ou compelido a discorrer de algum assunto.

Os espaços de gravação normalmente foram combinados com o entrevistado, sendo preferencialmente na casa destes, por ser um local onde os entrevistados se sintam confiantes e seguros para prestar seus depoimentos.

As entrevistas feitas nas residências foram acertadas com os entrevistados uma data e horário que houvesse somente o entrevistador e o entrevistado na residência, quando necessária a presença de mais um indivíduo por quaisquer razão, foi especificado que este não pode interferir de nenhuma forma na entrevista assim como não permanecer no mesmo recinto, se possível, que será executada a entrevista.

A entrevista foi de durações distintas, sendo dadas por encerradas quando o assunto se esgotava ou o entrevistado demonstrava não estar mais disposto a discorrer sobre.

Depois de gravadas foram armazenadas em mídia física (DVD), assim como transcritas em anexo nesta pesquisa. Na duplicação receberam um tratamento de transcrição, sendo que qualquer palavra inaudível, qualquer barulho externo ou observações comportamentais do entrevistado serão postas entre parênteses. Qualquer palavra ou expressão abreviada foi transcrita conforme a norma ortográfica brasileira, salvo momentos que o entrevistado busca rememorar nomes próprios, sendo estes transcritos conforme a lembrança deste.

Os vícios de linguagem foram mantidos por poder apresentar material para futuras pesquisas.

Após a transcrição, foram apresentados os depoimentos escritos para seus respectivos interlocutores para aceder as entrevistas ao pesquisador, assim como para preencher e assinar a carta de cessão. Nenhum dos entrevistados fez questão de retirar ou modificar qualquer parte das entrevistas.

3.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Com as entrevistas executas e transcritas, será momento para a retomada dos objetivos desta pesquisa, sendo então analisadas as entrevistas em conclusão com a cronologia do objeto de estudo para qualitativamente se extrair resultados viáveis desta.

Podemos observar um montante de visões sociais que surgem ao se ouvir ou ler as entrevistas estando diretamente ligadas ao objeto de estudo o Cine Ópera, ao recorte temporal que se rememorou que foi de janeiro de 1993 a janeiro de 1995 ou ao objetivo desta pesquisa que é de se analisar o impacto na sociedade de Caxias do Sul com o fechamento em 1993 do Cine Teatro Ópera até a perda total de seu espaço em 1994 devido a um incêndio, tendo em vista a parcela social que não foi escutada naquele período.

Este acontecimento que foi muito noticiado na cidade de Caxias do Sul, tanto pela sua centralidade geográfica como pela sua historicidade, estando presente na cidade com a alcunha de Cine Theatro Apollo desde 1921, não foi uma

perda realmente significativa para todas as parcelas sociais como podemos observar com o testemunho da Solange Aparecida Gomes do Valle ao apresentar que não sabia sobre o incêndio, ou pela entrevista do Joni Claimar dos Santos ao retratar o espaço como um “ponto problemático” devido ao próprio sucateamento, sendo a estas parcelas sociais um espaço de utilidade enquanto se buscava alcançar uma cultura e um lazer que era apropriada por uma elite.

Era um espaço que remetia a uma elite, como apontado pelo testemunho da Madalena Lurdes Cristófoli, quando percebe o espaço com um ar europeu, ou ao de Joni Claimar dos Santos que aponta um amigo da adolescência que lhe contava os filmes, pois este era de uma família de estratificação social mais alta e assim podia assistir a todos os lançamentos que desejava.

Espaço que como bem lembrado pelo Domingos Mezalira Primo era suntuoso, central, com renome e era envolvido em diversos interesses, tanto de cunho público como privado. Sendo este talvez mais um espaço que foi dominado por uma especulação como apontado pela Maristela Volpato, onde o único viés que importava era o financeiro.

A perda deste cinema foi sentida por todos os entrevistados, alguns pela perda cultural que se deu já naquele período como a Maristela Volpato, ou que sentiu esta perda com o passar dos anos como o Joni Claimar dos Santos que se pergunta onde ele pode levar a filha para ter uma programação mais culta sem os exageros consumistas de um shopping.

A análise destas devem ser periciadas individualmente, sendo que:

[...] a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado. Memórias individuais e coletivas se confundem; não somos ilhas e, portanto, estamos sujeitos a influências, bem como a influenciar, os grupos a que pertencemos e com os quais nos identificamos. (Matos, Senna, p. 97, 2011)

Visando a citação acima, esta análise vai ser dada de forma a respeitar as individualidades e suas memórias, sendo efetuada uma correlação entre as entrevistas e a historiografia já existente, de forma a não invalidar um depoimento, mas sim poder elencar quais foram os fatos que se perduraram nas lembranças, assim como de assistir as diferenças entre visões devido à assimetria social presente no período histórico dos indivíduos, tanto entre eles como de sua história de vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reavendo o objetivo desta pesquisa de escutar camadas sociais periféricas sobre o desmanche e posterior perda de um marco da cidade de Caxias do Sul, sendo para este aporte a utilização da tomada de entrevistas com o pressuposto teórico da história oral, a fim de produzir uma compreensão maior sobre a historicidade do período e armazenar e disponibilizar material para futuras pesquisas.

O objeto desta pesquisa se assemelha a tantos outros espaços tanto pelas memórias que se encarregam de resguardar, como pelo seu fim inesperado, podendo ser observados espaços na própria cidade com o mesmo desenlace, assim como em âmbito nacional, o exemplo mais próximo da temporalidade desta pesquisa é o Museu Nacional na Quinta da Boa Vista no Rio de Janeiro, que incendiou em dois de setembro de dois mil e dezoito, deixando mais um marco na cultura e na história dos brasileiros.

Embora o pesar da perda possa ser observado ainda hoje, como apresentado na entrevista do Maristela Volpato ao discorrer que foi este o primeiro cinema que frequentou ou na preocupação do Joni Claimar dos Santos quanto aonde levar sua filha sem se preocupar com o consumismo presente em um shopping, vemos esta consternação reforçada e muito mais presente hoje do que no período.

Como apresentado por Domingos Mezalira Primo e Joni Claimar dos Santos foi um período de inovações tecnológicas e o fechamento não foi de tamanha importância para todas as parcelas sociais igualmente, pois o espaço do Cine Ópera era de uma clientela com maior estratificação social, podendo ser constatado isso em todas as entrevistas coletadas, diretamente retratado por Solange Aparecida Gomes do Valle ao nem lembrar ou nem ter o conhecimento do incêndio, ou mais indiretamente como pela Maristela Volpato ao externar que quando sobrava algum dinheiro ela investia na cultura.

Mesmo sendo um espaço reservado a uma elite, tanto em sua estética como elucidado pelo testemunho da Madalena Lurdes Cristófoli ao rememorar o espaço remetendo ao estilo europeu ou ao Domingos Mezalira Primo ao lembrar do número de lugares, mil e duzentos, e da estética com mezanino e cadeiras de madeira acolchoadas, ou pelo valor de sua entrada comum, como manifestado por Joni

Claimar dos Santos ao apresentar que não teve poder econômico para assistir muitos dos filmes que assiste hoje, mas que ouvia sobre eles através de um amigo que detinha uma condição socioeconômica melhor no período.

Portanto, era um espaço que era um objetivo de cultura e lazer para a maior parte da população, seu fechamento em 1993 foi muito controverso sendo que para alguns já se via o desmonte do espaço, para outros era uma necessidade dele para se reformular e agregar as novas tecnologias que estavam surgindo.

Seu período fechado que percorre quase dois anos, onde foi quase completamente depredado, formou um lugar de encontro para uma margem social mal vista, estando entre eles drogados e moradores de rua, propiciando assim uma forma de se formar uma mídia ruim frente à população geral, estando presente muito claramente esta visão na entrevista do policial militar aposentado Joni como também com a de Domingos, onde os dois apresentam que no período aquele ponto da cidade tinha se tornado ruim devido aquele espaço.

Nunca foi determinada a culpabilidade, assim como as causas, da perda total do imóvel em vinte e quatro de dezembro de 1994. O processo foi encaminhado para o 2º Distrito Policial, mas nos registros desta não se possuem arquivos anteriores a 1999, dando assim encerrada as investigações assim como o processo.

Nas entrevistas a culpabilidade do incêndio foi atribuída a diversos, entre eles os moradores indevidos, a decadência estrutural do prédio e incêndio criminoso, tanto diretamente com associados que colocaram fogo proposital como indiretamente por deixar o espaço aberto, sendo atribuída a alavanca a uma especulação imobiliária que ansiava por aquele grande espaço central da cidade.

As teorias e preposições se digladiam, mas se entrelaçam ao recair a culpabilidade do incêndio à maneira que ele estava sendo gerido no período, dando espaço para que ele descaísse totalmente ou por uma calamidade, ou pela opinião pública, sendo inclusive que na entrevista da Maristela podemos elencar o calar paulatino dos movimentos pró tombamento devido a situação que se montava ao redor do antigo cinema.

As visões sociais apresentadas para este trabalho foram sempre muito esclarecedoras quanto à vivência que esta perda se deu aos indivíduos, pois mesmo todos ficando tristes pelo fim do espaço, alguns acreditavam que seria melhor a sua demolição devido ao que se esperava instalar no local como o Domingos e o Joni, outros sentiram a perda cultural como a Maristela e a Madalena, e até nem sentiram

no período, como no caso da Solange, mas sentiu ao ser apresentada com esta pesquisa e apontou a falta deste espaço.

Visões que apresentaram uma historicidade complementar a já escrita, e também contrária a esta ao apresentar este como um espaço importante, mas que para ser mantido deve então ser pertencente a toda a sociedade, pois era um espaço dirigido para as elites no período, sendo um objeto de desejo dos mais desvalidos e nestes repousa a memória não só dos filmes frequentados, mas sim de inúmeras vivências enquanto o seu entorno, as amizades que o circundavam, os filmes perdidos que hoje são assistidos com a nostalgia de serem compartilhados com os amigos do passado, como muito bem denotado por Joni em sua entrevista.

Portanto, um espaço que toda a cidade reconhecia, mas que poucos podiam ser frequentadores assíduos, que podiam usufruir de todas as culturas apresentadas por esse antigo cinema, mas reconhecido tanto pela sua apresentação de culturas, como também por ser um espaço de localização geográfica privilegiada, sendo que ainda hoje é reconhecido como a famigerada “parada do ópera”.

Que ao mesmo tempo que rememora o antigo cinema, com um pitada de ironia pela garagem vertical construída no lugar dos camarotes, como pelos frequentadores que ao serem expulsos pelo fogo se apropriam do seu novo entorno, novamente, formando deste ponto da cidade um antigo ponto de referência cultural e artística, um espaço hoje que passa despercebido durante o dia e evitado durante a noite.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 2. Ed. Rio de Janeiro: FGV. 2004

AXT, G. **Manual procedimento padrão para desenvolvimento do programa de história oral**. Santa Catarina: MINISTÉRIO PÚBLICO. 2010

CAON, M. **Memória e Cidade**: o processo de preservação do patrimônio histórico edificado em Caxias do Sul 1974-1994. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988. Disponível em:
<<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em setembro de 2019.

FERREIRA, M, M. **História, tempo presente e história oral**. Rio de Janeiro, pp. 314-332, 2002.

FONSECA, M, C, L. **Para além da pedra e cal**: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. Rio de Janeiro: Ed. Dp&A editora. 2000.

TOMAZ, P,C. **Revista de História e Estudos Culturais**: a preservação do patrimônio cultural e sua trajetória do brasil. São Paulo. v.7, n.2. jul./dez. 2012.

TORELLY, L, P, P. Fórum Patrimônio. Belo Horizonte. v.5, n.2. jun./Jul./ago. 2010. ISSN 1 807-6971

GUIA PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS. Caxias do Sul, 2019.

MATOS, J, S; SENNA, A. K. **História oral como fonte**: problemas e métodos. Rio Grande, pp. 95-107, 2011

POZENATO, K, M, M; GIRON, L, S. **Cinemas**: lembranças. 1. Ed. Porto Alegre: Juliani. 2007.

RABELLO, Sonia. O tombamento. In: REZENDE, Maria Beatriz, GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Amalucai (Org.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF.Copedoc, 2015. (termo chave Tombamento). ISBN 978-85-7334-279-6

APÊNDICE A - Ficha de Catalogação

Nome:

RG/CPF:

Data de nascimento:

Idade no ano de 1994:

Residência atual:

Residência no ano de 1994:

Ocupação atual:

Ocupação no ano de 1994:

Situação socioeconômica atual:

Situação socioeconômica no ano de 1994:

Vivências entorno do Cine Ópera:

Estava presente da cidade no dia do ocorrido:

Opinião sobre a conservação do patrimônio histórico:

APÊNDICE B - Roteiro das Entrevistas

Qual foi a sua experiência com o Cine Ópera?

Você era frequentador do cinema, ou era um frequentador dos entornos dele?

Lembra de algum filme?

Participou de alguma data comemorativa no espaço?

Você via o Ópera como um espaço de utilidade pública?

Quando fecharam o cinema para reformas em 1993, qual foi sua opinião sobre?

Você acha que era necessário fechar ele para reformas?

Como você se lembra do espaço do edifício?

Oque você acha das decisões das autoridades competentes sobre o espaço?

Depois que fecharam para reformar e não foi mais aberto qual foi sua opinião?

Você se lembra de algum tipo de movimento que se criou para defender o edifício?

Você era apoiante ou contra o tombamento?

Onde você estava quando ficou sabendo do incêndio?

Quando ficou sabendo do incêndio?

Oque você achou sobre o incêndio?

Oque você vivenciou com a perda do antigo cinema?

O Ópera faz falta hoje em dia? Como um espaço de lazer, de memórias ou até como referência de localização na cidade?

Você acha que o estacionamento construído no lugar do Cine Ópera traz à tona as memórias das pessoas que o experimentaram?

Você possui alguma teoria sobre como se deu o desastre?

De quem você acha que é a responsabilidade por esta perda?

O que você acha que esta perda traz para a cidade de Caxias do Sul?

Opinião sobre o atual estacionamento ter tomado o lugar do Cine Ópera?

APÊNDICE C - Carta de Cessão**CARTA DE CESSÃO**

Eu,

_____,
portador de RG/CPF número, _____,
declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em, _____, para Felipe Smiderle, usa-las integralmente, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo o presente.

Assinatura do Depoente

ANEXOS

ENTREVISTA I

Data da entrevista: 15/10/2019

Nome: Madalena Lurdes Cristófoli

Data de nascimento: 26/05/1952

Idade no ano de 1994: 42 anos

Residência atual: Luiz Baldassarini, 2021, apartamento 701, bairro Panazzolo, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul

Residência no ano de 1994: Pinheiro Machado (próximo a Garagem Ópera, média de 2 quadras)

Ocupação atual: Aposentada

Ocupação no ano de 1994: Economiária (estudante)

Situação socioeconômica atual: Classe Média Alta

Situação socioeconômica no ano de 1994: Classe Média Baixa

Vivências em torno do Cine Ópera: Lembranças do espaço, poucos filmes, lembrança mais marcante foi a Cavalaria Rusticana, sem lembrar o ano ou maiores detalhes.

Estava presente da cidade no dia do ocorrido: Estava presente na cidade, teve conhecimento do incêndio no mesmo dia do ocorrido pela presença no momento, e que se tratava do antigo cinema pelas notícias no dia posterior.

Opinião sobre a conservação do patrimônio histórico: Se observa uma postura referente a proteção do patrimônio, mas quando deslocada a pergunta para o passado, se observa uma certa desconversa para se remeter novamente a opinião do presente.

Transcrição

FS – Felipe Smiderle (entrevistador)

MLC – Madalena Lurdes Cristófoli (entrevistada)

FS - Boa noite, qual o seu nome?

MLC – Boa noite, é Madalena Lurdes Cristófoli.

FS - Ok, qual foi a sua primeira experiência com o Cine Ópera?

MLC - Olha, não sei te precisar exatamente uma data, mas foi 1993/1994 (afirmativa do entrevistador) por aí.

FS - Você frequentava o cinema?

MLC – Não exatamente, mas eu fui várias, varias vezes eu fui.

FS – Lembra de algum espetáculo, alguma peça? (final da pergunta interrompido pela entrevistada)

MLC – Lembro sim, tá bem gravado na minha memória (afirmativa do entrevistador) a ópera Cavalaria Rusticana que foi a que me marcou profundamente.

FS – Sim, e algum filme, lembra de algum filme?

MLC – Filme eu não lembro não.

FS – Chegou a assistir?

MLC - Mas cheguei a assistir.

FS – Participou de alguma data no espaço, algum final de ano, alguma banda do Ópera?

MLC – Não.

FS- Não? (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

MLC – A única data especial realmente foi. (entrevistada demonstra não relembrar o nome do espetáculo, devido ao mesmo assunto ter sido mencionado no contato inicial o entrevistado intervém relembrando o nome)

FS – A cavalaria?

MLC – A cavalaria.

FS – Tu via esse espaço como de utilidade pública, ou um espaço privado? Assim. (final da pergunta interrompido pela entrevistada)

MLC – Como utilidade pública. (afirmativa do entrevistador)

FS – Em 93 ali, fecharam o cinema para reformas, como que tu viu isso? Como foi essa primeira esse primeiro momento que fecharam o cinema, para ti?

MLC – O primeiro momento eu achei interessante, porque imaginei reformas que viriam agradar muito mais a população (afirmativa do entrevistador) então esse momento eu achei de extrema importância.

FS – Como é que tu lembra do espaço? Como tu lembra do edifício assim, o espaço de dentro?

MLC – Um prédio muito bonito, (afirmativa do entrevistador), um prédio na verdade pomposo, porque não tínhamos em Caxias na época nada que nos remetesse assim ao espaço europeu, e aquele era o espaço que trazia lembranças boas e bonitas, (afirmativa do entrevistador), um espaço muito elegante e muito confortável.

FS – E sobre ali, as tomadas de decisões da política do período, quando o espaço fechou e teve toda aquela discussão sobre se iam tomar o espaço ou se não iam tomar, se iam preservar se não iam?

MLC – Olha, foi uma coisa bastante chata bastante complicada, porque naquele momento a gente viu uma ruptura da cultura em Caxias do Sul, (afirmativa do entrevistador) e isso assim marcou muito, na época eu era estudante e aos estudantes marcou muito, estávamos perdendo um espaço que nos oferecia lazer e cultura.

FS – E sobre o movimento que se teve ali para o tombamento, que foi o Abraço ao Ópera, toda essa movimentação que se teve para tentar conservar. Você lembra de alguma coisa ou? (final da pergunta interrompido pela entrevistada)

MLC – Vagamente.

FS – Vagamente? (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

MLC – Vagamente, mas foi um movimento muito interessante, muito, muito bonito (afirmativa do entrevistador) que foi a população, meio pequena na época que se interessava por estes, por estes fatos, foi pequena mas independente disso, foi uma atitude muito bonita.

FS – Você era a favor ou contra tombarem ele?

MLC – Era a favor.

FS – Era a favor? (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

MLC – A favor.

FS – Quando você ficou sabendo do incêndio? Como que você teve essa notícia, assim recebeu a notícia?

MLC – Através de meios de comunicação, e também porque eu morava meio próximo (afirmativa do entrevistador), então a gente convivia assim um pouco

mais diretamente, (afirmativa do entrevistador) embora não tanto quanto deveria ter sido.

FS – Sim, oque que tu achou do incêndio? Oque que tu achou assim, foi uma coisa natural, foi algo que foi. (final da pergunta interrompido pela entrevistada)

MLC – Não, não foi natural. (entrevistada demonstra certo desconforto com a preposição de um incêndio ao acaso)

FS – Não foi? (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

MLC – Não! (entrevistada demonstrou vontade de discorrer sobre)

FS - Tu tem alguma teoria sobre como aconteceu?

MLC – Não exatamente, mas eu acho que ai, não é uma teoria é um pressuposto, (afirmativa do entrevistador) eu acho que ai houveram interesses financeiros. (entrevistada demonstra certa cautela ao discorrer sobre)

FS – Uma especulação imobiliária daqui a pouco, alguém querendo comprar. (final da pergunta interrompido pela entrevistada)

MLC – Com certeza absoluta. (entrevistada demonstra irritabilidade leve ao insistir no assunto)

FS – Entendo, hã oque te trouxe assim quando tu perdeu o cinema? Oque que foi a vivencia, assim. (final da pergunta interrompido pela entrevistada)

MLC – A foi muito triste.

FS – Foi triste, foi uma ? (corte no áudio devido a pequeno engasgo do entrevistador) (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

MLC – Foi uma perda muito grande para toda da cultura da cidade (afirmativa do entrevistador) e foi, foi uma tristeza porque estávamos vendo indo e ir embora uma história, (afirmativa do entrevistador) então foi bastante triste.

FS- Um pedaço da história que se foi né? (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

MLC – Foi, que se partiu e foi embora.

FS – O estacionamento que foi construído no lugar, tu acha que ele traz alguma memória dessas. (final da pergunta interrompido pela entrevistada)

MLC – Não, nada nada nada.

FS – Ele remete a alguma coisa, ou não? (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

MLC – Não, assim ó, se perdeu totalmente a história, a história foi perdida.

FS – De quem que é, devia ser a responsabilidade por essa perda? De quem devia ser responsável, que devia ser o culpado por, dessa história por assim dizer?

MLC – O culpado da perda, pra min foram os proprietários, (afirmativa do entrevistador) porque o interesse maior deles estava no valor econômico, e não no valor cultural.

FS – Então tu acha que, podemos botar assim, que para eles a cultura de Caxias estava em segunda plano e. (final da pergunta interrompido pela entrevistada)

MLC – Em segundo plano.

FS- E o lucro deles era. (final da pergunta interrompido pela entrevistada)

MLC – O fator financeiro (a entrevistada demonstrou certo desconforto com a retomada deste tópico, também demonstrou que neste momento queria dar fim a entrevista olhando para o relógio e o mostrando para o entrevistador)

FS – Então muito obrigado pela tua participação, era isso.

MLC – Eu que agradeço.

CADERNO DE CAMPO MADALENA LURDES CRISTÓFOLI

17/08/2019

Contato inicial marcado através de amigo em comum.

Contato inicial através de encontro presencial. Se observa que ela esta disposta a discorrer sobre o assunto. As vivencias dela entorno do objeto de estudo se mostram com ligação emotiva, principalmente por que a principal motivadora das idas ao cinema retornou a cidade de Caxias do Sul após quatro anos morando fora do Brasil. A Madalena se mostrou disposta e motivada para efetuar a gravação do seu testemunho, infelizmente não se pode aprofundar um dialogo sobre o recorte temporal mais especifico. Ela passou telefone para contato futuro.

Se observou que o individuo tem memórias sobre o Cine Ópera, assim como de seu fim. A ligação com o cinema era de idas tanto em caráter de espectadora de filmes e óperas, como de frequentadora dos entornos. Ela demonstrou dificuldade de rememorar o nome de filmes, peças ou óperas. Esta dificuldade foi motivo de vergonha por parte do individuo que se desculpou falando que não conseguia distinguir dos filmes assistidos no Cine Ópera dos de outros cinemas da região.

04/10/2019

Contato por mídia digital (Whatsap) para marcar dia da execução da entrevista.

A Madalena se demonstrou avida para prestar depoimento.

15/10/2019

A Madalena se atrasou quarenta minutos para a entrevista, ao chegar no local marcado para a entrevista, ela demonstrou preocupação e ansiedade, o pesquisador preferiu ter um momento de conversa e descontração antes da tomada de depoimento. Ao decorrer desta conversa inicial a entrevistada foi ficando mais tranquila ao ponto de rememorar fatos que até então não tinham sido mencionados, levando a incursão destes no roteiro individual.

A gravação foi executada sem nenhuma interrupção, sendo observado pelo pesquisador uma leve tensão na entrevistada no começo da entrevista, esta tensão foi se abrandando conforme o andamento da entrevista.

O pesquisador deu fim à entrevista conforme a entrevistada demonstrou que não queria mais discorrer sobre determinados assuntos, e quando retomados pelo pesquisador ela discorria minimamente e gesticulava dando a entender insatisfação.

Durante toda a entrevista, a Madalena buscava confirmação do pesquisador sobre suas declarações, parecendo que tinha receio de estar falando algo errado.

CARTA DE SESSÃO

Eu, [REDACTED], portador de RG/CPF número, [REDACTED], declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em, 15/10/2019, para Felipe Smiderle, usa-las integralmente, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo o presente.

[REDACTED]

Assinatura do Depoente

ENTREVISTA II

Data da entrevista: 15/10/2019

Nome: Maristela Volpato

Data de nascimento: 12/10/1965

Idade no ano de 1994: 29 anos

Residência atual: Guia Lopes, 680, apartamento 605, Caxias do Sul, bairro
Exposição, Caxias do Sul

Residência no ano de 1994: Guia Lopes, 680, apartamento 605, bairro
Exposição, Caxias do Sul

Ocupação atual: Professora

Ocupação no ano de 1994: Professora

Situação socioeconômica atual: Classe Média

Situação socioeconômica no ano de 1994: Classe Baixa

Vivências entorno do Cine Ópera: Frequentadora do cinema.

Estava presente da cidade no dia do ocorrido: Sim.

Opinião sobre a conservação do patrimônio histórico: Opinião crítica à quem ocupa os espaços, sendo que acredita que estes deviam ser voltados mais as populações nas margens sociais, sendo que são estas as com menores índices entre os frequentadores habituais.

Transcrição

FS – Felipe Smiderle (entrevistador)

MV – Maristela Volpato (entrevistada)

FS – Boa noite, prazer, qual o seu nome?

MV – Maristela Volpato

FS – Prazer Maristela, qual foi a sua experiência com o Cine Ópera?

MV – Bom, a minha experiência com o Cine Ópera foi maravilhosa, porque foi o primeiro cinema que eu entrei, vindo do interior quando eu cheguei aqui eu

morava bem próximo ao Cine Ópera, então no primeiro dinheirinho que eu pude entrar no cinema eu fui, um espaço maravilhoso, confortável, e o espaço era destinado só para aquilo, (afirmativa do entrevistador) é diferente do que se tem hoje né? (questionamento feito ao entrevistador, respondido com uma afirmativa do entrevistador) Você quer ir num cinema se tem que ir para um shopping. E quem não gosta de shopping já não frequenta, não é o mesmo ambiente (afirmativa do entrevistador).

FS – É um ambiente mais exclusivo né?

MV – É.

FS – Você ia ao cinema para ir ao cinema, tu não ia ao cinema para passar por uma gama de lojas e. (final da pergunta interrompido pela entrevistada)

MV – Uma loja de consumismo. (a entrevistada quis dizer “lógica”, a qualidade de áudio e a tartamudez momentânea prejudicam o entendimento)

FS – Você lembra do primeiro filme que você viu, ou algum filme, algum espetáculo, alguma coisa assim?

MV – Eu acredito que seja “Mudança de Hábito” que eu assisti, que foi um dos meus primeiros. E sei que teve vários shows de banda, banda de rock, mas eu nunca fui por questões financeiras, que na época eu não podia ir. (entrevistada demonstra desconforto ao falar sobre situação socioeconômica do período)

FS – Sobre essa questão financeira, era muito caro o ingresso ou era um valor, aceitável, mas não para toda a população? (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

MV – A leitura que eu faço hoje, não era um valor tão elevado, mas a situação que eu estava no momento, que eu tinha que pagar aluguel pagar faculdade então à gente tinha que economiza (afirmativa do entrevistador) e a própria consciência da cultura, a consciência que eu tenho hoje eu não tinha na

época, do investir na cultura. (afirmativa do entrevistador) (entrevistada demonstrou vontade de discorrer sobre)

FS – Então vou te botar uma pergunta mais hipotética, por exemplo, naquela época boa parte da sociedade caxiense então não ia, porque querendo ou não é um valor que pesa no bolso, ao mesmo tempo que é um investimento, mas para grande parte da população não é viável porque ?

MV – E eu acredito que é até hoje (afirmativa do entrevistador) a população caxiense, a nossa região, não é uma região de investir na cultura. (afirmativa do entrevistador) (entrevistada espera no final de sua resposta alguma confirmação por parte do entrevistador)

FS – Você via o espaço do antigo teatro como de utilidade pública?

MV – Com certeza. (entrevistada demonstra irritabilidade leve com a pergunta)

FS – Quando fecharam o teatro em 93, você teve alguma opinião sobre, ou você achou que realmente devia ser fechado ou não? Como assim?

MV – Eu me lembro de que a gente já comentava isso na universidade (afirmativa do entrevistador) e a gente via isso como interesse, interesse do comércio em Caxias, das indústrias né (afirmativa do entrevistador) e a própria administração pública da época não colaborou para que o Cine Ópera se mantivesse, ou seja, o poder está na mão de quem tem dinheiro e naquela época o dinheiro venceu.

FS – Então as decisões das autoridades competentes ali no período, na sua opinião foram meio que deixados de lado por um interesse financeiro?

MV – Sim eu acredito que não incentivaram a cultura, o conhecimento que poderia estar ai até hoje, né? E preferiram virar um comércio, (afirmativa do

entrevistado) porque isso na cabeça deles, eu acredito, isso vai render lucros né, pro município. (afirmativa do entrevistador)

FS – E depois que foi fechado e não abriram mais, que botaram os tapumes ao redor e não abriu mais, qual que foi a sua opinião? Para você concretizou aquilo que já imaginava que estava acontecendo ou? (final da pergunta interrompido pela entrevistada)

MV – Quando, no primeiro momento quando eu vi os tapumes eu acreditei que eles fossem reformar (afirmativa do entrevistador) pensei assim, patrimônio né, patrimônio, (entrevistada parece por um momento que ia dizer mais alguma coisa) mas ai depois fazendo leituras pela redes, principalmente jornais e tal, a gente viu que a intenção era outra. (afirmativa do entrevistador) (a entrevistada espera no final de sua resposta alguma confirmação por parte do entrevistador) E eu me lembro que foi feito um movimento né, que eu queria participar e eu não pude participar porque eu já trabalhava na época, um movimento, ai eles meio que pararam (entrevistada espera no final de sua resposta alguma confirmação por parte do entrevistador) e as coisas foram feitas mais lentas e escondidas. (afirmativa do entrevistador)

FS – Desse movimento, oque que você lembra dele?

MV – Eu me lembro que tinha um pessoal na época da UCS, que estava muito envolvido, se eu não me engano era o pessoal de história (afirmativa do entrevistador) estava muito envolvido né, e inclusive eles passaram nas salas convidando o pessoal que queria fazer parte, que iria ter o abraço ao Ópera e tal. E (entrevistada busca rememorar algo por alguns instantes) eu acreditava que esse povo fosse convencer (afirmativa do entrevistador) a não fechar o Ópera, mas ai depois meio que acalmou.

FS – Porque que você acha que acalmou? Que deu essa baixada assim no movimento?

MV – Porque eu acredito que tenha mexido com as pessoas que participavam daquele espaço e ai o movimento estava se tornando cada vez mais

forte (afirmativa do entrevistador) ai oque que a gente faz, coloca um baldinho de agua fria com gelinho junto, deixa eles lá bem congeladinho e a gente vai comendo pelas beiradas.

FS – Você era apoiante ou contra o tombamento? (final da pergunta interrompido pela entrevistada)

MV – Com certeza apoiante. (momento de risadas entre o entrevistada e entrevistador pela pergunta remeter ao contato inicial, onde a pergunta levou a uma série de comentários sarcásticos)

FS – Onde você estava quando ficou sabendo do incêndio?

MV – Estava na escola.

FS – Na escola? (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

MV – E eu sempre, eu me lembro que eu disse, “não aconteceu por acaso.”

FS – E quando é que você ficou sabendo? No outro dia?

MV – No outro dia.

FS – No outro dia já? (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

MV – No outro dia quando estávamos lendo o jornal e tal, e ai nós discutimos que alguém foi lá e deu fofo naquilo, quer dizer o povo quer se manifestar, o povo não quer que feche, nós não temos mais força para lutar contra isso, vamos bota um foguinho ali vamos terminar com isso e deu.

FS – Oque que te trouxe essa perda do cinema? Que vivencia que te trouxe, como que foi para ti assim ler que acabou?

MV – Foram memórias que eu tinha né, foi o primeiro espaço cultural que eu frequentei quando eu vim, e eu acredito que tinha tudo para estar ai até hoje.

(afirmativa do entrevistador)

FS – Oque que você acha de construírem o estacionamento no lugar do Ópera?

MV – Dinheiro.

FS – Dinheiro? Especulação imobiliária? (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

MV – Especulação imobiliária. (entrevistada demonstra irritabilidade moderada ao insistir no assunto)

FS – O Ópera faz falta hoje?

MV – Com certeza.

FS – Porque ele faz falta? Ele é um. (final da pergunta interrompido pela entrevistada)

MV – Porque seria bem mais fácil (leve tartamudez da entrevistada) principalmente agora que eu moro na região bem central, sair dar uma caminha você vai no cinema, mas vai exclusivamente para o cinema, você vai assistir o que você quiser, o show que você quiser. Você não precisa te envolver num shopping, você não precisa pagar estacionamento. (afirmativa do entrevistador) Né e até por questões se a gente for analisar quem mora em bairro é bem mais acessível você chegar até o centro, (leve tartamudez da entrevistada) do que tu ter que ir para os shoppings que nós temos hoje.

FS – Que é tudo muito periférico né? (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

MV – É. (entrevistada demonstra irritabilidade leve ao insistir no assunto)

FS – Você tem alguma teoria de como é que se sucedeu este desastre? Foi alguém que foi lá botar fogo, se foi os donos que ordenaram, se foi um descaso?

MV – Eu acredito que foram os próprios donos que mandaram. (afirmativa do entrevistador) Tipo assim, eles se sentiram muito pressionados, fazendo a minha leitura né, pelo povo, pela população e pressionados também pelas especulações que tinham, (afirmativa do entrevistador) e como nós somos de uma região de italianos que a gente quer lucro, lucro, lucro, dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro, nós não temos outra opção a de não ser dar um fim.

FS – Para poder construir algo que de lucro encima?

MV – Que de lucro encima. (entrevistada com irritabilidade no discurso)

FS – E o que que essa perda trouxe para a cidade de Caxias do Sul, qual que foi a marca que o fim do Cine Ópera deixou aqui?

MV – Ai, eu acredito que seja assim na questão da cultura, do conhecimento (afirmativa do entrevistador) que eu acho que Caxias do Sul é muito pobre com relação a isso, e nós temos shows maravilhosos, nós temos espaços maravilhosos, mas de um custo muito alto (afirmativa do entrevistador) (leve tartamudez da entrevistada) então quem usufrui é sempre a classe alta, a classe média e pobre nós não temos mais teatro de rua, nós. (leve tartamudez da entrevistada) Caxias sempre perde em relação à cultura.

FS – É que nos temos uma cultura que é dirigida para as elites né? (final da pergunta interrompido pela entrevistada)

MV – Para as elites

FS – É da elite para a elite. (final da pergunta interrompido pela entrevistada)
(tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

MV – E que não valoriza o conhecimento (afirmativa do entrevistador).

FS – Você botaria que o Cine Ópera também era assim, que daqui a pouco ele era um espaço da elite para a elite, e que tanto a classe média como a classe pobre, muitas vezes tinha que fazer um esforço pra poder ir?

MV – Ela podia ser da elite, ela era da elite também, mas eu posso ser que sou uma, eu podia ir ao cinema uma vez por mês (afirmativa do entrevistador), mas a gente dava um jeitinho de se infiltrar lá também.

FS – (leve tartamudez do entrevistador) É que a necessidade né? (afirmativa da entrevistada) A necessidade da cultura, do saber o que está acontecendo no mundo né?

MV – Sim a gente puxava aqui, puxava ali quando a gente via agente estava lá.

FS – Quer fazer mais algum comentário? Sobre? Mais alguma coisa assim que tu queira falar sobre o Cine Ópera?

MV – Não só sobre o Cine Ópera, em relação à cultura em Caxias, (afirmativa do entrevistador) eu ainda acredito que um dia ainda vamos ter alguém que tenha um olhar diferente com relação a isso, principalmente com relação aos pobres, aos que menos tem acesso e são os que mais precisam.

FS – Então por exemplo, então deixa, eu vou falar uma coisa assim, se esse espaço fosse tombado e daqui a pouco virasse um teatro como se fosse um Ordovás hoje em dia, daqui a pouco teria uma maior aceitação de um público mais carente para ir nesse espaço, para frequentar, para ter uma culturalização muito maior do que se tem hoje?

MV – Com certeza, com certeza por ser numa região central com um custo menor pra chegar, e até em questão das escolas né, das escolas, do pessoal do bairro pra chegar até lá e um valor mais acessível.

FS – E até uma localização daqui a pouco. (final da pergunta interrompido pela entrevistada) (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

MV – Com menos custo porque daí você (leve tartamudez da entrevistada) se os pais vão com as crianças eles não são expostos (afirmativa do entrevistador) a todo aquele comercio que nós temos num shopping. (afirmativa do entrevistador)

FS – E sobre o atual estacionamento ter tomado o lugar do Cine Ópera, oque você acha sobre isso? (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

MV – Eu já te respondi e vou te responder de novo, é lucro é dinheiro. (entrevistada demonstra irritabilidade ao insistir no assunto)

FS – Só lucro (afirmativa da entrevistada) ele não traz a tona nenhuma memória, nenhuma vivência de quem passa ali na frente? Para ti assim, bem pessoal assim.

MV – Bah, porque hoje eu passo muito pouco lá, (afirmativa do entrevistador) né, mas mais na, (leve tartamudez da entrevistada) que o estacionamento fica na transversal né (afirmativa do entrevistador) como eu passo mais (leve tartamudez da entrevistada) quando tu vê aquele prédio (leve tartamudez da entrevistada) oque que tu lembra? Do cine.

FS – Mas é uma memória ruim ou é uma memória boa?

MV – Ótima, uma memoria ótima. (entrevistada demonstra certa cautela ao discorrer sobre) (entrevistada demonstra querer o fim da entrevista quando começa a bater com os dedos na mesa)

FS – Então este estacionamento te traz a tona pelo menos uma memória sobre o antigo cinema?

MV – Sim. Do antigo cinema. (entrevistada demonstra irritabilidade leve ao insistir no assunto)

FS – Pelo menos alguma coisinha restou?

MV – Eu consigo ver a freirinha moreninha dançando lá dentro até hoje.

FS – Então era isso, muito obrigado .

MV – As ordens.

CADERNO DE CAMPO MARISTELA VOLPATO

13/08/2019

Contato inicial marcado através de amigo em comum.

Contato inicial através de encontro presencial. O entrevistador nota que a Maristela fica irritada ao discorrer sobre, mas que ela quer muito ser ouvida. As vivencias dela entorno do objeto de estudo se mostram como espectadora de diversos filmes, embora no momento não relembre de nenhum titulo.

Ela fica muito emotiva ao discorrer sobre o fim do cinema, ela demonstra um discurso muito politizado sobre o porque do fim do espaço.

08/10/2019

Contato por mídia digital (Whatsap) para marcar dia da execução da entrevista.

Se apresentou dificuldade em marcar uma data para a gravação da entrevista, principalmente pela Maristela trabalhar como professora no turno da noite e o pesquisador trabalhar no turno da manha e tarde.

A Maristela se demonstrou avida para prestar depoimento.

15/10/2019

A Maristela se apresentou tranquila para a entrevista.

Em alguns momentos da entrevista o pesquisador acreditou que ela ia discorrer mais emocionadamente sobre alguns tópicos, ela preferiu se conter. Em conversar posterior a entrevista a Maristela apresenta que não se deixou inflamar por estes tópicos por acreditar que por se tratar de uma pesquisa acadêmica, ela deveria manter certa compostura nas suas falas.

A gravação foi executada sem nenhuma interrupção, sendo observado pelo pesquisador uma leve tensão na entrevistada no começo da entrevista, esta tensão foi se abrandando conforme o andamento da entrevista.

O pesquisador deu fim à entrevista conforme a entrevistada demonstrou que não queria mais discorrer sobre determinados assuntos, e quando retomados pelo pesquisador, ela discorreu dando a entender que já não tinha mais nada a acrescentar.

CARTA DE SESSÃO

Eu, [REDACTED], portador de RG/CPF número, [REDACTED], declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em, 15/09/2019, para Felipe Smiderle, usa-las integralmente, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo o presente.

[REDACTED]

Assinatura do Depoente

ENTREVISTA III

Data da entrevista: 17/10/2019

Nome: Joni Claimar dos Santos

Data de nascimento: 20/06/1972

Idade no ano de 1994: 22 anos

Residência atual: Amoroso Costa, 185, bairro Presidente Vargas, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul

Residência no ano de 1994: João Menegoto Filho, 1037, bairro São Vitor COHAB, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul

Ocupação atual: Policial Militar da reserva

Ocupação no ano de 1994: Policial Militar da ativa

Situação socioeconômica atual: Classe Média

Situação socioeconômica no ano de 1994: Classe Baixa

Vivências entorno do Cine Ópera: Espectador de filmes em geral.

Estava presente da cidade no dia do ocorrido: Sim.

Opinião sobre a conservação do patrimônio histórico: Com o passar do tempo se adquiriu uma consciência sobre preservação, sendo atualmente favorável a preservações culturais, artísticas e históricas sendo sempre voltadas as populações de classes mais baixas.

Transcrição

FS – Felipe Smiderle (entrevistador)

JCS – Joni Claimar dos Santos (entrevistado)

FS – Boa tarde, qual seu nome?

JCS – Meu nome é Joni Claimar dos Santos.

FS – Qual que foi a sua experiência com o Ópera?

JCS – Bom quando eu era criança nós viemos morar em Caxias, na década de 80 ali, eu soube que tinha esse cinema, primeira vez que eu fui ali, provavelmente em 86 / 87, que veio um pessoal lá de Garibaldi, que a gente morava lá, vieram de lá para cá passear ali no pai, daí convidaram eu que era adolescente, com eles lá e os tios que também foram para assistir um filme que era lançamento aqui em Caxias, que eles queriam ver.

FS – Você lembra do filme?

JCS – Foi o filme, não lembro se era “A Mosca” ou “Mosca”, mas é aquele filme do, que ele cria, faz um maquinário lá para fazer um transporte de. (entrevistado se apresenta nervoso, não consegue encontrar palavras para completar a fala)

FS – Teletransporte?

JCS – Teletransporte, numa daquelas entra uma mosca junto e entra no DNA dele, que na época não existia o tal do DNA, não falavam disso, mas foi isso se fundiu a ele.

FS – Então tu era um frequentador ali do cinema? Mais ou menos assim?

JCS – É aquela vez fui eu acho que foi ali por 86 / 87, depois já comecei a ir com os colegas algumas vezes a gente foi assistir outros filmes ali né. Assisti o “karate kid” (afirmativa do entrevistador) não me lembro se era o um ou dois, mas assisti o “karate kid”, assisti “A Hora do Espanto” que era um filme de vampiros né e assisti “Ghost” ali também.

FS – Você via o Cine Ópera como um espaço de utilidade pública?

JCS – Não, é (tartamudez do entrevistado) não tinha essa concepção, talvez não entendesse bem assim o que seria isso, mas, nós ia quando conseguia juntar o dinheiro (leve tartamudez do entrevistado) e assistia, talvez não era tão acessível a todos para ser um espaço público, (afirmativa do entrevistador) que todos pudessem

ter acesso, quando muito raramente, tanto é que naquele período todo eu fui umas quatro vezes ali né, então era algum filme que tinha se conseguia aquele dinheiro porque trabalhava, ou porque o pai ou a mãe davam, mas era muito difícil, não era algo assim que você podia ir quando quisesse né, que era fácil (afirmativa do entrevistador) de ter acesso.

FS – Então na verdade o, vamos botar assim, o ingresso do cinema não era algo acessível para todo mundo?

JCS – Não era, não era. Era difícil.

FS – Quando fecharam o cinema em 93, você acha que era necessário ou você acha que já foi meio pré planejado?

JCS – Eu acho que meio que veio naquela tendência ali, que o pessoal já tinha os aparelhos de vídeo cassete que veio primeiro né, só que nem todo mundo tinha, primeiro veio o tal do “betamax” depois o “VHS” ali né nos anos, no início dos anos 80 e foi indo e depois quando veio o “DVD” né que também o pessoal começou a assistir filmes com muito mais facilidade em casa e se criou uma outra forma de assistir o filme, mais familiar assim, grupos de amigos em casa (afirmativa do entrevistador) e ai eu acho que o cinema foi sendo abandonado, e quem era dono acho que aproveitou aquilo, ou os donos, para tentar fazer, já que as pessoas estavam se afastando, e ali tinha um valor monetário alto que é bem no centro da cidade, uma quadra abaixo da praça né, deve valer muito aquela quadra ali né, que é quase uma quadra, um canto de quadra ali né, então eu acho que se já tinha o desinteresse e procuraram fazer com que as pessoas se desinteressassem mais ainda né (afirmativa do entrevistador) começou acho, a passar muito pouco filme, demorar muito para vir lançamento.

FS – Como é que você lembra do espaço do edifício? Por fora, por dentro.
(final da pergunta interrompido pelo entrevistado)

JCS – Bom quando eu chegava, me parece que a bilheteria ficava para o lado de fora ali, tinha na, (tartamudez do entrevistado) já para o lado da pinheiro,

(afirmativa do entrevistador) que era uma curva assim, a lateral entre a pinheiro e a montaury, comprava o bilhete ali para entrar ali pelo lado, acessava por uma porta e ai tinha um saguão assim ali, (tartamudez do entrevistado) um espaço ao9nde tu podia comprar bala, pipoca doce ali, e depois tinha umas cortinas ali né, com umas portas grandes que você acessava o corredor de descida e enquanto não tinha começado ainda o filme estava tudo claro o pessoal descia ali procurava um lugar para sentar, e se você entrava e o filme já tinha começado ia um tal do “lanterninha” que tinha, que era uma pessoa com uma lanterna ali que ia te acompanhando e para te mostrar, quando tu queria ir ao banheiro , na hora que você levantava ele também te dava uma olhada e vinha ali, vinha contigo até tu sair depois descia contigo, era alguém que meio que controlava ali o ambiente. (afirmativa do entrevistador) Era grande, me parece que tinha dois ou três corredores, filas de, (entrevistador ajuda com a lembrança da palavra fileiras) fileiras de banco e um maiorzão no meio e mais (afirmativa do entrevistador) dois pequenos, e em cima me parece né, me parece que tinha uma parte mais alta assim (entrevistado gesticula demonstrando um setor superior as fileiras) que era usado para teatro, para shows ou outra coisa.

FS – Os camarotes ali?

JCS – Sim os camarotes ali que, nos filmes não, a gente não tinha acesso ali.

FS – Do espaço ainda, você achava um espaço suntuoso, uma coisa mais “chique”? (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

JCS – É, era grande, bonito sim, (afirmativa do entrevistador) era bem grande ali.

FS – Você lembra de algum movimento em defesa ou contra a preservação do edifício? (entrevistado demonstra vontade de discorrer sobre, quase interpela a pergunta)

JCS – Eu me lembro ali mais ou menos final dos anos 80 inicio dos 90 parece que no ano de 90 ali, que teve uma movimentação, mais um pessoal de escola, professores, pessoal mais ligado a cultura que fez aquele abraço assim, simbólico, que já se achava que com aquela coisa de entrada de outras mídias, outra forma de assistir filme ia se, foi se deixando de lado ali né, (afirmativa do entrevistador) e eu acho que foi para isso, para talvez tombar. Porque se sabia que o caminho daquilo era virar prédio comercial, sei lá. (entrevistado demonstra certa cautela ao discorrer sobre) Como virou, hoje em dia é né? (afirmativa do entrevistador)

FS –Na época você era a favor ou contra o tombamento do edifício?

JCS – Eu não tinha essa concepção disso, eu não sei, na época eu não tinha uma ideia assim, isso é importante por causa da cultura (afirmativa do entrevistador) porque ate quando aconteceu que acabou queimando ali né e tudo mais, eu sou policial militar agora da reserva, na época eu recém tinha entrado na brigada também, naquele período e meu pai era policial, meu irmão, meu cunhado e muitos outros. Então a ideia que se tinha era que era um lugar para se juntar vagabundo drogado e que era melhor que não existisse e parece que pelo fato de ter incendiado e oque aconteceu, que acabou destruído né foi melhor porque se tirou aquele ponto, que para nós era um ponto problemático né. (afirmativa do entrevistador)

FS – Então botando assim, com esse desuso assim, que se fez tanto pelos proprietários como pela própria gestão da cidade, pelos políticos assim, foi se deixando esse espaço, (afirmativa do entrevistado) basicamente um ano, então na verdade?

JCS – Eu acho que levou a população, isso foi mais para, deixa parado, não bota mais filme, deixa isso ai, (afirmativa do entrevistador) meio que deixa aberto, pessoal da rua invade, para fazer, eu acho que na época com que a opinião pública achasse que era melhor, realmente, deixasse de ser oque era porque do jeito que estava ninguém queria administrar acho eu, sei lá na época. Não porque talvez o

peçoal ligado a cultura quisesse mas quem era donos não iam dar acesso a isso, porque era, valia mais a pena para o bolso.

FS – É uma especulação imobiliária né? (afirmativa do entrevistado) Tu precisa do espaço você da um jeitinho de conseguir né?

JCS – E já que como eu vi muitos, se a gente ficar analisando, tantas casas e outros prédios que acabaram sendo a mesma historia, acabou o pessoal de rua invadindo e acabou sendo incendiado e dai depois, então tá não tem mais como arrumar isso ai, (afirmativa do entrevistador) não é mais, não da mais porque não tem mais a originalidade, não tem mais janela não tem mais a porta não tem mais a parede, então desmancha e faz oque você quiser, (afirmativa do entrevistador) eu acho que foi isso que talvez se pensou em fazer e acabaram fazendo .

FS – Quando é que você ficou sabendo do incêndio? Quando assim? No outro dia?

JCS – É porque dai o “Pioneiro”, o jornal “Pioneiro”, e me parece que a “Folha de Caxias” tinha na época também ou “Folha de Hoje”, na época tinha os jornais, a gente ficou sabendo ei pela e pelo radio também, e eu por ser, na época eu acho que já estava na brigada ali né.

FS – Eu tenho alguns jornais aqui. (entrevistador apresenta cópias dos jornais do período para auxiliar na rememoração do entrevistado)

JCS – Vanin, Mário Vanin, Mário David Vanin que era o prefeito na época que. (entrevistado ao foliar os jornais relembra o nome do prefeito do período)

FS – Oque que tu achou sobre o incêndio, você acho que ele foi uma catástrofe ou um incêndio criminoso?

JCS – Eu acho que foi, (afirmativa do entrevistador) na minha ideia, que foi criminoso induzido deixando aquelas pessoas morarem ali, e daqui a pouco alguém até possa ter incentivado, não sei oque o laudo pericial ou a policia entendeu disso

né, mas acho que foi criminoso, com a intenção de realmente acabar com aquele espaço que ele era previsto para a época, para que ele virasse um espaço comercial. (afirmativa do entrevistado) Acho que foi.

FS - E quando assim se deu essa perda, que pegou já não tinha mais como revitalizar ou como reconstruir esse cinema, esse espaço, te fez falta o antigo cinema?

JCS – Para min não, na verdade não me fez porque como eu te digo, a maioria das pessoas já nem ia mais né, (afirmativa do entrevistador) era uma época de mudança né, então as pessoas (afirmativa do entrevistador) já não iam mais no cinema né, eu não me lembro se foi bem naquela época mas já estava os shoppings chegando, e esses cinemas de shoppings que tinham um monte de atrativos juntos né.

FS – E hoje esse espaço hoje, por exemplo se nós tivéssemos hoje ainda um “Cine Ópera”, com um espaço daqui a pouco , para juntar esse pessoal, ali onde é hoje o estacionamento do “Ópera”, tu acha que seria interessante ou não seria?

JCS – Se fosse algo que tivesse acesso para todos, algo realmente para a cultura, com preços assim que todos pudessem ter acesso, eu hoje com quarenta e sete anos né, eu analiso que seria bom, porque dai seria um lugar seguro, um lugar onde você vai apresentar algo inteligente para minha filha, para os meus sobrinhos para os meus conhecidos, onde você vai poder ir lá e aprender algo, então eu acho que seria interessante se tivesse hoje esse espaço, mas (tartamudez do entrevistado) creio que não voltará e nem tem como mais da forma que hoje (afirmativa do entrevistador) está.

FS – Sobre a garagem do ópera que construíram no lugar, à “Garagem Ópera” quando você passa por ali te evoca algum sentimento? Te faz lembrar de alguma coisa? É bom, é ruim? (entrevistado demonstra certa desconforto ao discorrer sobre)

JCS – Eu já inclusive estacionei ali, já botei meu carro ali, mas eu sempre que eu ia, (tartamudez do entrevistado) (entrevistado demonstra certa desconforto ao discorrer sobre) eu me, eu me vinha na mente que, eu pensava que talvez fosse ali o lugar onde quando terminava o filme a gente saia, que era bem o fundo do prédio né, que como a gente entrava, como eu te disse, entre a “Pinheiro” mais, a porta era mais para o lado da “Montaury” e a bilheteria para o lado da “Pinheiro”, mas era uma porta meio que no meio, que era um canto arredondado ali (afirmativa do entrevistador) mas a saída, me parece também, não tenho certeza, mas me parece que a saída era lá embaixo, numa parte de baixo do cinema, que onde hoje é uma parte do cinema e a saída, é onde tem o estacionamento (afirmativa do entrevistador) onde hoje é só uma loja, loja é muito pequena para que na época fosse todo o espaço do cinema, que era muito maior.

FS – De quem você acha que é a responsabilidade por Caxias ter perdido esse cinema? Por ter perdido esse espaço essa, (tartamudez do entrevistador devido à entrada inesperada da esposa do entrevistado na sala) até essa memória né?

JCS – Eu acho que foi a tendência, na época (afirmativa do entrevistador) que as pessoas, aquela coisa né, o que tinha de moderno, aquilo ali, (entrevistado apresenta uma mudança no discurso) os mais velhos já (tartamudez do entrevistado) não iam mais, os mais novos já estavam com outras ideias, e foi se deixando, foi se deixando, tanto é que tinham vários cinemas ai, no fim ninguém mais ia, eu fui em alguns filmes que tinham três ou quatro pessoas assistindo, depois em outros cinemas ali, (afirmativa do entrevistador) mas, e também naquele período 90, assisti o “Ultimo dos Moicanos” ali no, acho que 94 ou 93 ou 94 que tinha, nós era aluno soldado da brigada, tinha uma meia dúzia de nós ali, e ninguém mais, não era só nós ali fomos assistir aquela.

FS – Ele foi acabando gradativamente? (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

JCS – Foi acabando, porque era uma tendência, acho que até mundial sei lá, (afirmativa do entrevistador) que daí veio essa, era mais fácil tu ir lá e.

(entrevistado demonstra não rememorar o comentário, entrevistador auxilia com base no contato inicial)

FS – Alugar?

JCS – “Audiolar” alugar uma fita e assistir em casa, ou um pacote de fitas e assistir o final de semana todo mundo junto em casa (afirmativa do entrevistador) na segurança da casa, que é uma época que também talvez a criminalidade estava diferente, hoje em dia pode estar muito maior, mas na época já estava começando a ficar diferente do que era nos anos 80 e 70 (afirmativa do entrevistador) então as pessoas já não queriam sair para rua com a família, com os filhos né, hoje em dia da para você ir, que a gente já esta mais acostumando com as coisas, então se tivesse um lugar daquele o pessoal ate iria, como é que, tanto é que hoje os cinemas nos shoppings ai lota quando for um lançamento, mas naquela época estava se perdendo, não sei oque estavam buscando, mas isso (leve tartamudez do entrevistado) as pessoas não queriam mais ir no cinema né.

FS – Então, (tartamudez do entrevistador), por exemplo, hoje este estacionamento, na verdade ele te evoca essa memória de uma localização, (afirmativa do entrevistado) mas por exemplo de você sentir uma tristeza e não poder mais, ou você olhar para a garagem e lembrar dos filmes que você assistiu, das coisas que vivenciou?

JCS – Eu até lembro das coisas que eu vivenciei ali, mas eu não tenho aquela coisa, bah poderia ser, (afirmativa do entrevistador) a porque que não continuou, porque a minha mente talvez, e de quase todo mundo ne época, era isso aqui, isso não é mais dessa época né. (afirmativa do entrevistador)

FS – Foi algo que já tinha sido de um tempo passado?

JCS – Porque foi, é um período que eu já estava da adolescência para adulto e a transição me pegou bem naquele período, porque nos anos 80 teve muito filme né, “De Volta para o Futuro”, “Exterminador do Futuro”, “Mad Max” foi 70 para 80 então uma época de muitos filmes, tanto é que hoje eu assisto na “tv”, nunca

assisti esses filmes, “Tubarão” que é 70 para 80 (afirmativa do entrevistador) muito dos anos 70, alguns dos 80 e eu vejo muito esses filmes dos anos 80, (tartamudez do entrevistado) na “tv” né (afirmativa do entrevistador) que a gente tem como acessar isso, mas na época eu não pude assistir no cinema, alguns amigos assistiam e vinham e contavam e todo mundo ficava ali, bah, quando meu colega o “Joaquin” assistiu, hoje ele é engenheiro da bri, “Joaquin Vilmar de Sales Feijó” (o entrevistado não lembra da grafia correta do nome) ele era sobrinho neto do “Tancredo Feijó”, o “Joaquin” ele assistiu, com os irmãos dele, o “Exterminador do Futuro” e depois veio contar para nós aquilo bah, é que eles iam muito, ele ia mais com os irmãos e assistiram também aquele “Mad Max” não lembro se era “além da cúpula do trovão” ou “ a lei da cúpula do trovão” que era o “Mad Max dois”, (afirmativa do entrevistador) então assistiram dai veio contar para nós aquilo, meu deus, bah eu queria ir no cinema né, era, que ali eu tinha doze, treze, quatorze e depois ali quando eu já estava com dezoito, dezenove já tinham mudado tudo de novo, já ninguém mais queria ir. (entrevistado demonstra inquietação)

FS – Se voltou, virou uma tecnologia diferente. (final da pergunta interrompido pelo entrevistado) (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

JCS – Não foi uma coisa, talvez se eu tivesse hoje ao invés de quarenta e sete se eu fosse alguém com cinquenta e sete, cinquenta e oito ai eu tinha mais ligação, (afirmativa do entrevistador) porque dos anos 70 para 80 que foi o auge, acho ali que a coisa. (entrevistado dá a entender querer o fim da entrevista pois busca em todas as respostas dar um desfecho)

FS – Aquele baque do cinema.

JCS – Não cinema, (tartamudez do entrevistado) 84, 85 ali, aquele período de 78 a 84, 85 acho que teve muito filme que hoje eu vejo, olho de quando ele foi, bah mas essa época, então era uma época que esse filme todo mundo falava, mas dai eu era muito pequeno para isso (afirmativa do entrevistador) e depois quando eu já tinha idade fui em alguns mas já estava se perdendo né. (entrevistado começa a se atrapalhar na linha de raciocínio)

FS – Muito obrigado, até a próxima.

CADERNO DE CAMPO JONI CLAIMAR DOS SANTOS

26/09/2019

Contato inicial marcado através de parente do entrevistado.

Contato inicial através de encontro presencial. O pesquisador notou que o Joni acha muito interessante e esta muito ansioso pela gravação de seu testemunho.

Ele demonstra um grande interesse, mesmo que o perfil dele não se encaixe nesta pesquisa, a coleta de seu depoimento será efetuada, devido a grande vontade por parte do entrevistado. O Joni se coloca a disposição para ser efetuada a gravação o mais breve possível.

Ele demonstra rememorar de diversos filmes exibidos no período, assim como dos filmes que presenciou. Demonstra dificuldade em rememorar dos filmes específicos que assistiu no Cine Ópera, muitas vezes confundindo ele e outros cinemas da região.

Ele evita falar sobre o período que se situa o recorte temporal da pesquisa.

30/09/2019

Contato por intermédio de terceiro para marcar dia da execução da entrevista.

04/10/2019

Entrevista cancelada pelo Joni devido a problemas familiares, contato feito de forma rápida sem prestar maiores esclarecimentos e de forma direta com o pesquisador.

O pesquisador acreditou que ele não queria mais gravar a entrevista ou que algo de problemática pessoal tenha acometido o Joni.

08/10/2019

Joni entra em contato com o pesquisador, explicita o porque do cancelamento sendo este de cunho pessoal do entrevistado.

Marca se nova data para gravação.

17/10/2019

Joni demonstrou ansiedade para gravar a entrevista.

No inicio da gravação ele demonstrou preocupação em estar correto, buscando no pesquisador alguma validação no seu discurso, com o decorrer da entrevista ele se soltou.

A entrevista teve somente uma interrupção, que mesmo sem causar barulho ou interferir diretamente com a gravação, promoveu um momento de perda de foco que logo foi suprimida pela continuidade das perguntas pelo pesquisador.

O entrevistado fez ligações entre o passado vivido por ele, e como ele o percebia no momento, para como ele os analisa hoje em dia com as mudanças ocorridas na sua vida do período aos dias atuais.

Oque ele evitou falar no contato inicial foi explanado durante a entrevista, sendo que no primeiro momento não queria falar sobre pois achava que estava errado, mas foi com as conversas com o pesquisador antes da entrevista que ele percebeu que não era um erro mas sim uma mudança de percepção sobre.

CARTA DE SESSÃO

Eu, [REDACTED], portador de RG/CPF número, [REDACTED], declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em, 17/10/2019, para Felipe Smiderle, usa-las integralmente, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo o presente.

[REDACTED]

Assinatura do Depoente

ENTREVISTA IV

Data da entrevista: 22/10/2019

Nome: Solange Aparecida Gomes do Valle

Data de nascimento: 21/07/1964

Idade no ano de 1994: 55 anos

Residência atual: Assis Antônio Mariane, bairro São Caetano, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul

Residência no ano de 1994: Bairro Panazzolo, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul

Ocupação atual: Aposentada

Ocupação no ano de 1994: Auxiliar de produção na metalurgia

Situação socioeconômica atual: Classe Média Baixa

Situação socioeconômica no ano de 1994: Classe Baixa

Vivências entorno do Cine Ópera: Frequentadora esporádica

Estava presente da cidade no dia do ocorrido: Sim, embora não tenha conhecimento do incêndio ocorrido.

Opinião sobre a conservação do patrimônio histórico: Acredita que tenha que haver uma preservação, mas que seja voltada a população de classe baixa, pois se trata da maior parte da sociedade que acaba não sendo assistida pelo poder público.

Transcrição

FS – Felipe Smiderle (entrevistador)

SAGV – Solange Aparecida Gomes do Valle (entrevistada)

FS – Boa noite, qual o seu nome?

SAGV - Solange Aparecida Gomes do Valle

FS – Então, qual foi a sua primeira experiência com o “Cine Ópera”?

SAGV – De ir no cine?

FS – (afirmativa do entrevistador)

SAGV – A, foi muito bacana, muito legal, um dos cinemas na época de Caxias que era o mais popular no caso, dizendo assim fora os outros né, (afirmativa do entrevistador) mas o “Ópera” era muito bom. (entrevistada apresenta nervosismo para com o gravador)

FS – Você lembra de algum filme, que você assistiu no período?

SAGV – Lembro, qual que eu tinha dito antes? O? (entrevistada se refere ao contato inicial)

FS – “John Travolta” (entrevistador auxilia na rememoração através de retomada do discurso do contato inicial)

SAGV - “John Travolta”, “Rambo um”, “Rambo dois” e “Rambo três” e ai por diante.

FS – Você lembra do edifício? Como ele era por fora, por dentro?

SAGV – Não me recordo pois faz muito tempo que a gente não vai. (entrevistada demonstra desconforto por não recordar do contato inicial)

FS – Você ficou sabendo do incêndio do “Cine Ópera”?

SAGV – Não. Não me recordo de ter ficado sabendo na época, nem sabia que tinha pegado fogo na verdade.

FS – Você acha que é um espaço que faz falta hoje em dia?

SAGV – Eu acho que faz. (entrevistada demonstra desconforto com a pergunta)

FS – Faz muita falta? (tentativa de fazer a entrevistada discorrer sobre o assunto)

SAGV – Faz, faz.

FS – Porque que faz falta?

SAGV – Porque, era um cinema assim que a gente, quando a gente ia, a gente via filas e filas e hoje com esse monte de cinema no shopping, então perdeu um pouco da graça de ir no cinema, (afirmativa do entrevistador) então eu acho que faz muito falta sim.

FS – Então acha que, por exemplo, se hoje ainda a gente tivesse o “Cine Ópera” onde é o estacionamento hoje, seria bom para a cidade de Caxias?

SAGV – Seria ótimo. Mil vezes o cinema do que. (entrevistada apresenta desconforto com o gravador)

FS – O shopping?

SAGV – O estacionamento que fizeram hoje no caso né. (afirmativa do entrevistador) não, se tivessem continuado ia ser, para a cidade ia ser muito bom. Na minha opinião né, não sei se todo mundo pensa igual eu né. (afirmativa do entrevistador) Na minha opinião é seria muito bom. (entrevistada demonstra inquietação, olhando fixamente para o gravador e hiperativa no momento)

FS – Tem mais algum comentário sobre o cinema, alguma lembrança sobre? (entrevistador determina dar por fim a entrevista pela desconexão entre o contato inicial e a tomada de entrevista)

SAGV – Não, lembrança não. Só que faz muita falta.

FS – Então era isso, muito obrigado.

CADERNO DE CAMPO SOLANGE APARECIDA GOMES DO VALLE

25/09/2019

Contato inicial marcado através de parente do entrevistado.

A Solange demonstra preocupação por não saber sobre o cinema, através da explanação do que se busca com esta pesquisa ela se tranquilizou.

30/09/2019

Contato por mídia digital (Whatsap) para marcar dia da execução da entrevista.

15/10/2019

A Solange demonstrou apreensão ao permitir a gravação da entrevista, pois de acordo com a própria, ela só assistiu um ou dois filmes no espaço e nem ficou sabendo, ou não se recorda, de ter ficado sabendo sobre o incêndio.

Após uma média de dez minutos de dialogo ela aceitou gravar a entrevista com aquilo que ela rememorava sobre o antigo cinema, sendo que o pesquisador teve de explicitar novamente o trabalho metodológico que envolve a história oral, e que não teria respostas certa ou errada para as questões que iam ser apresentadas a ela.

Ela ainda buscou durante toda a entrevista validação no seu discurso no pesquisador, deixando sempre suas respostas com um tom de indagação no final.

A entrevista ainda demonstrou muito nervosismo ao gravar a entrevista, ficando evidente em alguns momentos onde ela busca falar algo, que ao seu entender, era o que o pesquisador queria ouvir.

O pesquisador deu fim à entrevista conforme a entrevistada demonstrou que já não tinha mais nada a acrescentar além de estar impaciente com a continuidade da gravação.

CARTA DE SESSÃO

Eu, [REDACTED], portador de RG/CPF número, [REDACTED], declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em, 22/10/2019, para Felipe Smiderle, usa-las integralmente, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo o presente.

[REDACTED]

Assinatura do Depoente

ENTREVISTA V

Data da entrevista: 23/10/2019

Nome: Domingos Mezalira Primo

Data de nascimento: 26/08/1946

Idade no ano de 1994: 48 anos

Residência atual: Pinheiro Machado, 1092, bairro Nossa Senhora de Lourdes, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul

Residência no ano de 1994: Pinheiro Machado, 1092, bairro Nossa Senhora de Lourdes, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul

Ocupação atual: Proprietário Escritório de Contabilidade

Ocupação no ano de 1994: Funcionário Escritório de Contabilidade

Situação socioeconômica atual: Classe Média

Situação socioeconômica no ano de 1994: Classe Média Baixa

Vivências entorno do Cine Ópera: Passava diariamente pelo entorno.

Estava presente da cidade no dia do ocorrido: Sim.

Opinião sobre a conservação do patrimônio histórico: Que a máquina pública deve zelar pelos patrimônios, sendo desta a obrigatoriedade de se manter o espaço.

Transcrição

FS – Felipe Smiderle (entrevistador)

DMP – Domingos Mezalira Primo (entrevistado)

FS – Boa tarde, qual o seu nome?

DMP - Domingos Mezalira Primo

FS – Então, qual foi a sua experiência com o “Cine Ópera”?

DMP – Olha a experiência que eu tive foi, (tartamudez do entrevistado) que assisti vários filmes lá na, (tartamudez do entrevistado) e também assisti apresentação (tartamudez do entrevistado) de concerto, é isso aí.

FS – Lembra de algum filme, nome de algum. (final da pergunta interrompido pelo entrevistado)

DMP – Eu assisti “O Corpo que Cai” e “ O Vento Levou”.

FS – E de espetáculos?

DMP – Espetáculos assim eu não me lembraria mais.

FS – Esta bem, você via o espaço do “Ópera” como de utilidade pública?

DMP – Sim, é de utilidade pública.

FS – Quando fecharam para reformas em 93, qual que foi a sua opinião?

DMP – É eu achava que ia, que a prefeitura (tartamudez do entrevistado) fosse tomar peito, (tartamudez do entrevistado) o prédio para tombar (afirmativa do entrevistado) e não aconteceu.

FS – Então ali quando fecharam para reformas, você achava que era uma necessidade daqui a pouco do cinema de se reformar e de ter esse momento parado para. (final da pergunta interrompido pelo entrevistado)

DMP – É (tartamudez do entrevistado) o poder público devia ter tomado a peito e ter construído alguma coisa, manter o imóvel para continuar sendo cinema, ou (tartamudez do entrevistado) ter outra utilidade.

FS – Para manter uma memória. (final da pergunta interrompido pelo entrevistado) (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

DMP – Uma memória da cidade. (entrevistado demonstra não querer discorrer sobre)

FS – Como você, lembra do espaço do edifício?

DMP – Sim me lembro do espaço, era bem grande, dava para mil e duzentas pessoas mais ou menos.

FS – E assim, de estética você lembra alguma coisa?

DMP – Estética, sim, tinha um mezanino na parte de cima assim, e embaixo era um salão grande com tudo as poltronas, as cadeiras de madeira parece que era ainda, e em cima assim arredondado um mezanino.

FS – Então das autoridade competentes, dos políticos da época, oque você achou das decisões sobre o “Cine Ópera” que ficou nesse entrave de preservarem, não preservarem?

DMP – É, que a prefeitura pouco se interessou eu acho em fazer melhorias e manter o imóvel, porque precisava da parte financeira, (tartamudez do entrevistado) e não sei se a prefeitura teria talvez, (tartamudez do entrevistado) se não era no orçamento da prefeitura, que não cabia no orçamento.

FS – É que é um imóvel grande, bem no centro. (atropelo entre as falas do entrevistado e entrevistador)

DMP – É meio complicado a situação ali.

FS – Você era contra ou a favor do tombamento do edifício?

DMP – Pois olha eu estaria até a favor de tombar, porque era um imóvel antigo em uma esquina bem localizado, e (tartamudez do entrevistado) se não pude momentaneamente financia ou comprar o imóvel mas que deixasse mais adiante né,

futuramente a câmera de vereadores pudesse, (tartamudez do entrevistado) como eu vou te dizer, colocar no orçamento para adquirir.

FS – Onde você estava quando ficou sabendo do incêndio? (confusão do entrevistador ao dar seguimento no roteiro individual)

DMP – Eu estava em casa.

FS – Estava em casa, e você ficou sabendo do incêndio como?

DMP – Através de rádio, da televisão.

FS – Foi naquele momento assim, da balburdia sobre o acontecimento. (atropelo entre as falas do entrevistado e entrevistador) Em primeiro momento o que você achou do incêndio?

DMP – Eu achei que devia ser um incêndio praticado por moleques, essas gurizada que não tinham onde morar, (afirmativa do entrevistador) e provavelmente deve ter sido uma, (tartamudez do entrevistado) um cigarro ou então a gurizada deram fogo em algum colchão. (entrevistado demonstra certa cautela ao discorrer sobre)

FS – Mais acidental então? (tentativa de fazer o entrevistado discorrer sobre o assunto)

DMP – Mais acidental assim, não foi proposital. Eu acho que não isso aí. (final do áudio comprometido pela altura que o entrevistador falou) (entrevistado demonstra irritabilidade leve ao insistir no assunto)

FS – Você acha que o “Ópera” faz falta hoje em dia?

DMP – Faz, (afirmativa do entrevistador) (tartamudez do entrevistado) é que não, hoje em dia o cinema já não faz tanta falta, só se fosse mais para concertos né. Porque. (tartamudez do entrevistado)

FS – O espaço né?

DMP – O espaço, agora se é para assistir (tartamudez do entrevistado) um cinema, um filme não tinha mais o que der, porque de 90, de 1970 para cá, depois que surgiu a televisão, aí depois da televisão ela, (tartamudez do entrevistado) aqui em Caxias tinha seis, sete cinemas, né? (afirmativa do entrevistado) E desses todos fecharam, (afirmativa do entrevistador) tinha o “Real”, o “Real Hotel” que estava, “Hotel”, “Cine Real” que era em “São Pelegrino”, tinha o “Ópera” que era aqui no centro, depois tinha o “Cinema Central” o “Guarani” e o “Cine Veneto” tinha vários cinemas que fecharam todos, por falta de, um por exemplo o “Cine” (tartamudez do entrevistado) o “Cine Central” um bingo assumiu, alugou.

FS – É que foi uma nova tecnologia. (final da pergunta interrompido pelo entrevistado)

DMP – Uma nova tecnologia, as coisas mudam, as tecnologias vão avançando.

FS - E as pessoas foram deixando de ir ao cinema, (afirmativa do entrevistado) por que querendo ou não, já se tem a televisão aberta, “VHS”, vai contribuindo para. (final da pergunta interrompido pelo entrevistado)

DMP – E depois o cinema ele foi, repetitivo, foi um canal você assistia um filme depois você assistia em outro o mesmo. (afirmativa do entrevistador)

FS – E o que traz o perder o espaço do “Cine Ópera”? Que era querendo ou não era um ponto central da cidade, de encontro?

DMP – De encontro.

FS – O que perder esse ponto traz para a cidade? (entrevistado demonstrou que ia começar a discorrer, mas demonstrou que não tinha entendido o que o entrevistador questionava) Que hoje, por exemplo, nós vemos aqui as paradas do

“Ópera” meio que dominadas por uma população meio, mais complicada, se tornou um ponto bem complicado de noite?

DMP – É isso é verdade. Então se aí tivesse, (tartamudez do entrevistado) tivesse sido utilizado o prédio para, (tartamudez do entrevistado) uma cultura, para fazer apresentação de, (tartamudez do entrevistado) como eu vou dizer.

FS – Um espaço cultural?

DMP – Um espaço cultural né. Mesmo que fosse, podia ser até uma biblioteca pública, né? (afirmativa do entrevistador) E daí, apesar que os, (tartamudez do entrevistado) pessoal que vêm do int, (entrevistado ia falar interior) (tartamudez do entrevistado) dos bairros para o centro são de classe baixa, então são, estão por ali porque precisam de né?

FS – A gente vê assim, é bem complicado (afirmativa do entrevistado) essa questão, (questão social – fala do entrevistado) devia ter um acesso maior, só que muitas vezes, por exemplo, um espaço que a gente tinha, central, com reconhecimento é deixado de lado, (deixado de lado – fala do entrevistado) e aí temos, por exemplo, uma biblioteca em um prédio onde boa parte da população nem sabe que existe, (afirmativa do entrevistado).

DMP – E é um espaço pequeno para a biblioteca pública de Caxias do Sul, é pequena.

FS – Não, muito pequeno.

FS – Então era isso, muito obrigado.

DMP – Imagina, que isso.

02/10/2019

Contato inicial marcado através de amigo em comum.

Contato inicial através de encontro presencial. O pesquisador notou que o Domingos esta muito ansioso pela gravação de seu testemunho.

Ele evita tocar em certos pontos, principalmente no que diz a respeito da culpabilidade sobre o incêndio.

04/10/2019

Contato por telefone para marcar dia da execução da entrevista.



23/10/2019

Entrevistado tranquilo para a entrevista.

O Domingos demonstra muitas vezes que perde a linha de raciocínio durante a entrevista. Muitas vezes parece que ele deixa de falar algumas coisas e muda seu discurso no decorrer da gravação.

Após a gravação estar concluída o pesquisador questiona o porque das mudanças no decorrer da gravação e é respondido pelo Domingos que ele muitas vezes mudava sua resposta pois acha errado falar em nomes ou fazer acusações que ele não pode suportar devido a falta de conhecimento sobre o assunto. Sendo que ele sempre tentou em todas as suas declarações apontar oque ele viu e ouviu não aquilo que ele conjecturou em mesas de bar entre os amigos.

CARTA DE SESSÃO

Eu, , portador de RG/CPF número , declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em, 23/10/2019, para Felipe Smiderle, usa-las integralmente, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo o presente.


Assinatura do Depoente

